



# A gênese da República no Brasil a partir da imprensa caricata sul-rio-grandense e portuguesa

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**62**



UNIVERSIDADE  
**ABERTA**  
www.uab.pt

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





**A gênese da  
República no Brasil a  
partir da imprensa  
caricata sul-rio-  
grandense e  
portuguesa**



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# A gênese da República no Brasil a partir da imprensa caricata sul- rio-grandense e portuguesa



**CIPSH**  
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES  
CONSELHO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**   
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2023

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

### **Ficha Técnica**

- Título: A gênese da República no Brasil a partir da imprensa caricata sul-rio-grandense e portuguesa
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 62
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2023

ISBN - 978-65-89557-81-4

**CAPA:** A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 4.

### **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.





# SUMÁRIO

**A instauração da República Brasileira na imprensa caricata sul-rio-grandense / 11**

**A República no Brasil e a imprensa ilustrada e humorística portuguesa / 79**



# A instauração da República Brasileira na imprensa caricata sul-rio-grandense

A proclamação da República no Brasil, como não poderia deixar de ser, foi marcada por uma enorme cobertura por parte da imprensa. Com diferentes tendências e estilos, os periódicos brasileiros informaram, comentaram e opinaram a partir de perspectivas diversificadas, convergentes ou divergentes entre si, a respeito da transição política ocorrida no país. Nos derradeiros decênios do século XIX, o jornalismo brasileiro passava por uma etapa de expansão, com a publicação de gêneros variados<sup>1</sup>, dentre eles o vinculado à divulgação da caricatura. Nessa época, a imprensa caricata passou por uma fase de apogeu, com a circulação de diversos títulos que se espalharam pelo país<sup>2</sup>. A mais meridional unidade administrativa

---

<sup>1</sup> Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>2</sup> A respeito dessa evolução, observar: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D.*

brasileira, o Rio Grande do Sul, em suas maiores localidades, também contou com a presença de semanários caricatos<sup>3</sup>.

Dentre os hebdomadários sul-rio-grandenses, foi editada na cidade de Pelotas *A Ventarola*, que acompanhou o processo de transição da Monarquia à República. Tal periódico intitulava-se como “folha ilustrada e humorística”, mostrando no frontispício de seu número original, em primeiro plano, o próprio objeto da ventarola, além de várias alegorias alusivas ao humor, inclusive o bobo da corte, que além do crayon, também portava o leque sem varetas que dava título à publicação. O programa do semanário foi redigido através de versos, deixando demarcada sua vocação crítica, humorada e incisiva. A folha se definia como “catita e perfumada”, além de “faceira”, sempre à busca de leitores. Pretendia “em verso gago, trôpego ou moído” arranhar ouvidos e ferir mentes, colocando “a arte em pandarecos”, propondo-se na imprensa a “rir, pular, folgar, dançar”. Por meio de “seu crayon adocicando”, dizia seguir o “prolóquio: *Castigat mores ridendo*”<sup>4</sup>.

Desde o início, *A Ventarola* apresentou em suas páginas tendências fortemente antimonárquicas. Desse modo, a presença da “dama-república” foi recorrente em suas edições. Em uma delas, a figura feminina, de

---

*Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

<sup>3</sup> Acerca do jornalismo caricato gaúcho, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

<sup>4</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 10 abr. 1887. A. 1. N. 1. p. 2.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

barrete frígio à cabeça, tratava com esmerado cuidado de uma planta que florescia e era identificada com a forma de governo republicana, ao passo que, em segundo, plano, definhava aquela associada ao monarquismo vigente<sup>5</sup>. Em plena época natalina, o semanário montava um presépio diferenciado, com a presença republicana em evidência, por meio da presença de barretes frígios, fosse na estrela que guiava os reis magos, fosse nas cabeças do menino Jesus e da própria Virgem Maria, que, assim, assumia o papel da mulher-república<sup>6</sup>. A dama-república voltava a surgir, associada à democracia e à liberdade, sendo, entretanto, vítima de violência de parte de um político monarquista, que buscava impedi-la de praticar o exercício do direito de livre expressão do pensamento<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 3 jul. 1887. A. 1. N. 13. p. 4-5.

<sup>6</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 jan. 1888. A. 1. N. 40. p. 8.

<sup>7</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 29 jan. 1888. A. 1. N. 43. p. 4.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Levando em conta discurso parlamentar que explanava acerca do republicanismo como marca registrada do continente americano, *A Ventarola* mostrava uma dama-república vitoriosa, com uma espada em uma das mãos e a bandeira da causa que representava na outra<sup>8</sup>. Considerando o *status quo* monárquico como um “estado anômalo”, o periódico trazia mais uma vez a mulher-república em posição triunfante, próxima ao raiar do sol, no sentido do porvir, em contraposição a um alquebrado Imperador, mal conseguindo equilibrar-se, alocado em um ambiente dominado pelas sombras<sup>9</sup>. Em outra oportunidade, o hebdomadário mostrava um jornalista que recebera um jornal de tendências antimonárquicas, diante do que tinha um sono intensamente intranquilo, tendo pesadelos com uma possível mudança na forma de governo, simbolizada pela figura feminina alada da deusa-república<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 27 maio 1888. A. 2. N. 61. p. 8.

<sup>9</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 15 jul. 1888. A. 2. N. 68. p. 5.

<sup>10</sup> A VENTAROLA,. Pelotas, 26 ago. 1888. A. 2. N. 74. p. 8.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA





## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

O bobo da corte, tradicional representação da arte caricatural também apareceu nas páginas do semanário pelotense, mostrando-se muito à vontade no convívio com a dama-republicana, caracterizando a postura do próprio periódico<sup>11</sup>. A mulher-república também surgiu nas representações iconográficas profundamente maltratada por um detrator de tal regime, sendo amarrada a uma árvore e supliciada ou ainda agarrada à força, mas ao final, prevalecia a vitória da figura feminina, diante da simbólica morte política de seu agressor<sup>12</sup>. Os enfrentamentos eleitorais também serviram de oportunidade para o aparecimento dessa simbologia feminil, como foi o caso em que o periódico mostrou a disputa como uma corrida de cavalos, na qual o primeiro lugar cabia ao “centauro rio-grandense”, designando o partido liberal; em segundo vinha o “Pégaso, guiado pela elegante amazona república”, no sentido dos defensores de ideais antimonárquicos; ao passo que, em último, os conservadores eram apresentados como um burro magérrimo, bem próximo da morte, como revelavam as aves de rapina que o adejavam<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 16 set. 1888. A. 2. N. 67. p. 4.

<sup>12</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 21 out. 1888. A. 2. N. 82. p. 8.

<sup>13</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 fev. 1889. A. 2. N. 100. p. 5.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA





A mulher-república se via em perigo mais uma vez, ao ser ameaçada por homens armados, que pretendiam “dar um golpe à ideia democrática”, mas ela escapava dos algozes, galopando mais uma vez o Pégaso<sup>14</sup>. As novas adesões ao republicanismo eram saudadas pelo semanário, que representava tal atitude a partir de uma dama-republicana ajeitando sua indumentária à frente do espelho<sup>15</sup>. A folha prenunciava a queda iminente da Monarquia, imaginando a figura feminina da República a derrubar uma árvore “velha e carunchada”, que designava a forma monárquica<sup>16</sup>. Diante do olhar de reprovação de um monarquista,

---

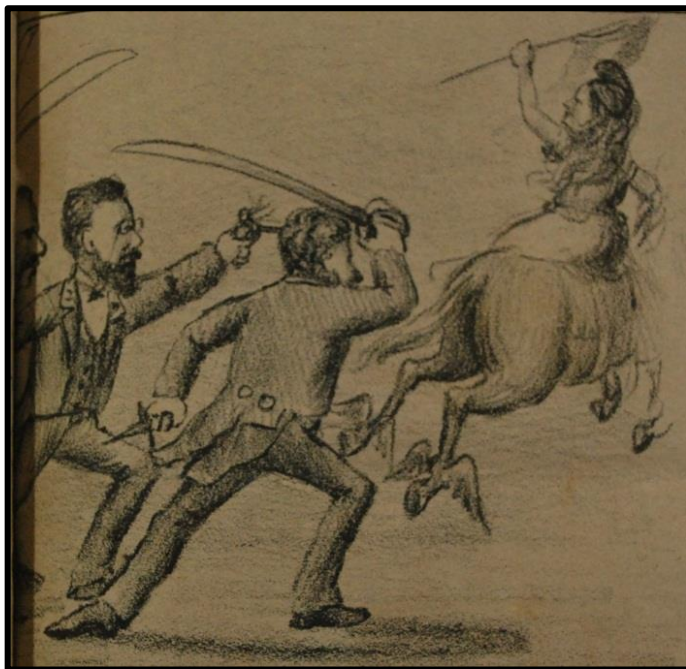
<sup>14</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 10 mar. 1889. A. 2. N. 102. p. 5.

<sup>15</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 12 maio 1889. A. 3. N. 111. p. 4.

<sup>16</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 26 maio 1889. A. 3. N. 113. p. 5.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

identificado como sebastianista, o hebdomadário mostrava um padre que aderira ao ideal republicano, o qual aparecia com o barrete frígio, pronto para abraçar a dama-república<sup>17</sup>.



---

<sup>17</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 16 jun. 1889. A. 3. N. 116. p. 8.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES





A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



A publicação caricata pelotense teceu críticas a um jornalista próximo do ideário monárquico, que aparecia abraçado à mulher-república, uma vez que estaria a promover pensamentos confusos e contraditórios, ao defender, erroneamente, segundo a folha, a ideia de que a “monarquia americana não é incompatível com a democracia ainda a mais adiantada”. Ao apresentar a dama-república sendo alvo de vociferações por parte de monarquistas, o semanário argumentava que estes custavam a “acreditar que a democracia já esteja pesando na balança da política do país”, de modo que mudança na forma de governo seria apenas uma “questão de tempo”<sup>18</sup>. A crença na vitória próxima voltava às páginas do periódico, ao mostrar a mulher-república liderando um “novo barco”, o qual

---

<sup>18</sup> A VENTAROLA, Pelotas, 30 jun. 1889. A. 3. N. 118. p. 4 e 8.

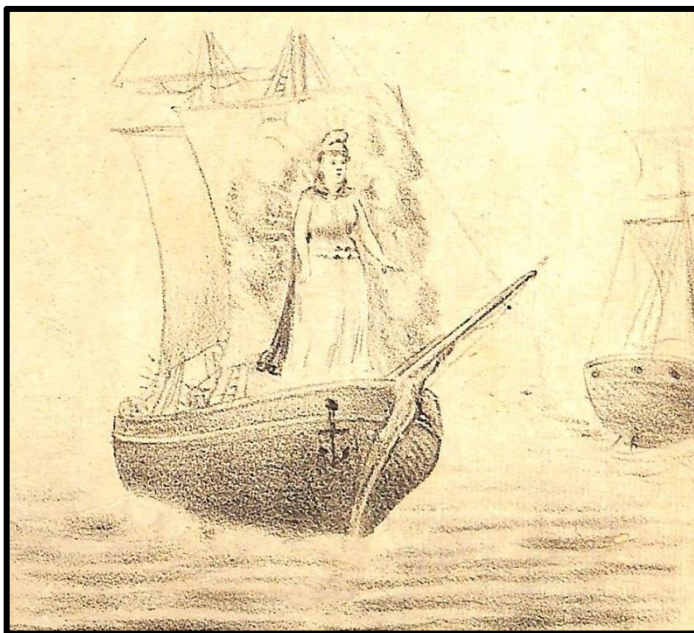
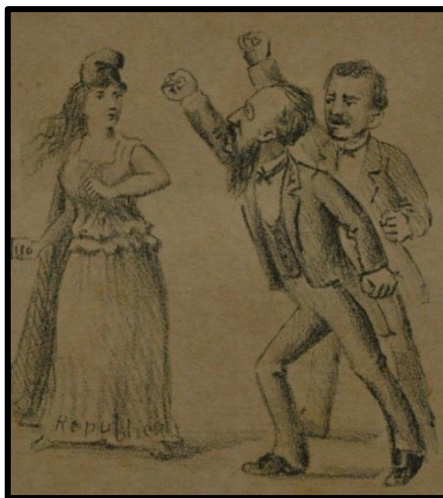
levaria “às praias do futuro os verdadeiros paladinos da liberdade pátria”<sup>19</sup>.



---

<sup>19</sup> A VENTAROLA, Pelotas, 27 out. 1889. A. 3. N. 135. p. 4.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Os prognósticos ufanistas de *A Ventarola* para com o triunfo republicano viriam a se confirmar com a transição de 15 de novembro de 1889. A partir de então, o semanário passou a sustentar ardorosamente a causa dos novos detentores do poder, a partir da formação do Governo Provisório. Nessa linha, um dos principais motes editoriais da folha pelotense foi o de estampar retratos de lideranças republicanas e das novas autoridades públicas, de modo a buscar difundir os rostos dos novos administradores do país, bem como dar uma identificação visual por meio da personalização à forma de governo recém-instaurada.

Um dos primeiros homenageados foi o chefe republicano e jornalista Quintino Bocaiúva, cujo retrato era adornado com a pena do escritor, um exemplar do jornal que o mesmo editava, *O País*, e uma coroa de louros alusiva à vitória do republicanismo. No registro textual, Bocaiúva era considerado um “eminente cidadão”, que se tornara “Ministro do Exterior do Governo Provisório”, o qual, “sob a forma republicana, dirige atualmente, com o maior brilhantismo, os destinos políticos do país”. A vida do jornalista era considerada como “conhecida suficientemente para que os brasileiros a considerem uma das mais solenes afirmações do patriotismo, da firmeza e austeridade de caráter” e também “da intransigência de princípios, da prática imaculada dos rígidos princípios da moral política e social de que há exemplo entre nós”. Como republicano, era apontado como “um puritano” e mesmo com um “sacerdote austero da religião do dever e crente que deposita no altar da honra o óbolo da sua fé e da sua lealdade imaculada”. De acordo com a folha, Bocaiúva tivera “a visão de uma pátria livre, engrandecida,

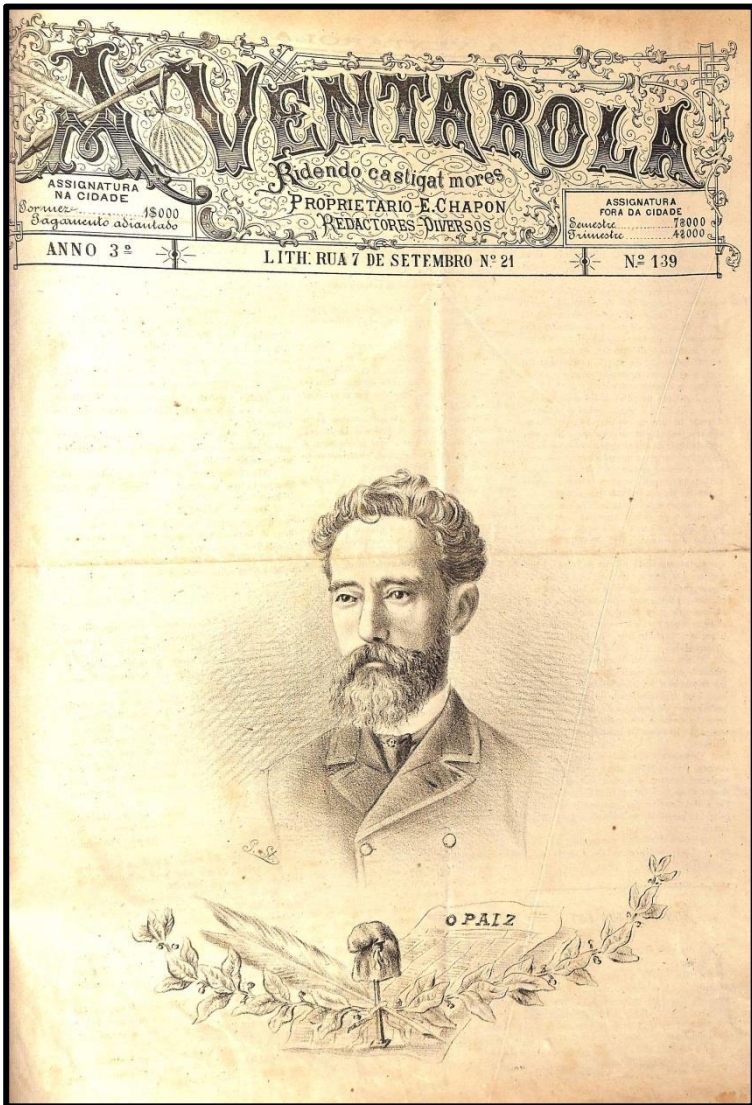
próspera e feliz, sob um regime melhor, mais consentâneo com as aspirações do povo brasileiro”, e “mais digno da situação deste país na América Republicana”, ou seja, “o regime da liberdade, da igualdade, da fraternidade”. Ao estampar o retrato do personagem, o hebdomadário pretendia prestar-lhe “uma reverenciosa homenagem de apreço e admiração”, congratulando-se “com o país pela escolha que vai fazer desse preclaro cidadão para o alto cargo de Presidente da República”<sup>20</sup>.

Outro homenageado pela revista ilustrada pelotense foi mais uma liderança republicana, sendo estampado o retrato de Aristides da Silveira Lobo. Com isso, a folha buscava prestar uma “homenagem a um dos mais distintos republicanos brasileiros”, que se tornara “Ministro do Interior do Governo Provisório que está à frente da direção do país”. O personagem era considerado como “eminente compatriota”, em cuja biografia ficavam “salientados os traços mais notáveis da sua trabalhosa vida de magistrado, publicista e de propagandista da causa generosa da República”, passando a citar dados biográficos elaborados por um colega de imprensa acerca do político em destaque<sup>21</sup>.

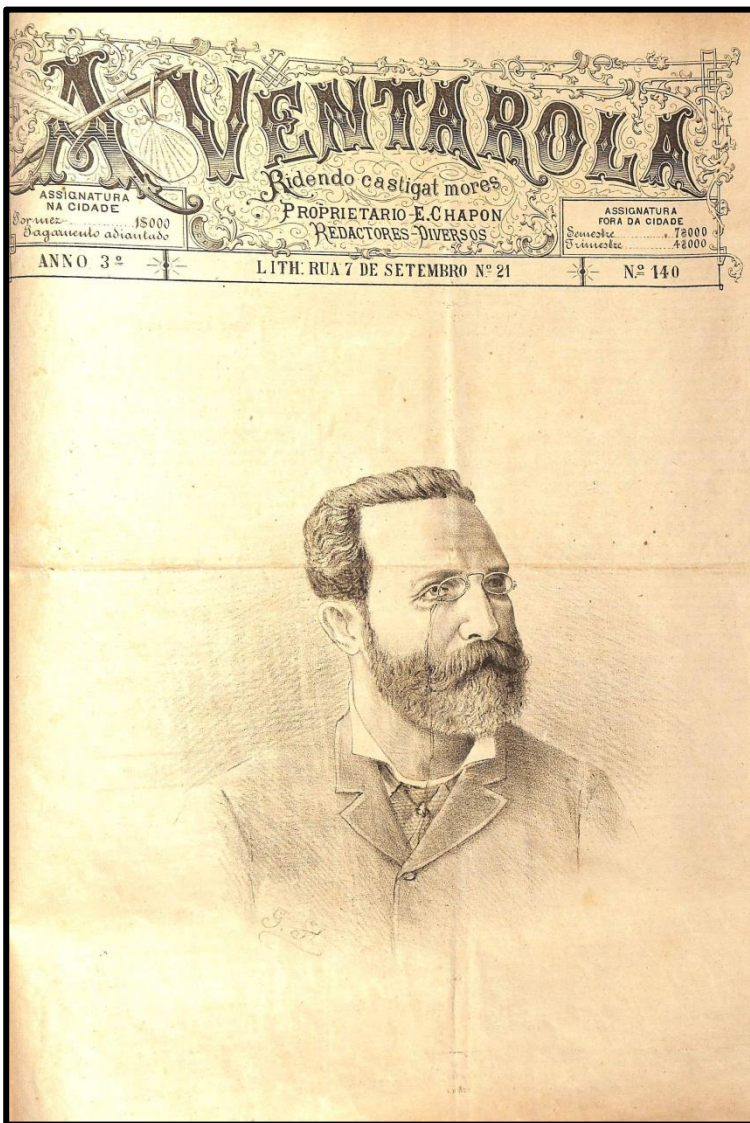
---

<sup>20</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 1-2.

<sup>21</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 1<sup>o</sup> dez. 1889. A. 3. N. 140. p. 1-2.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



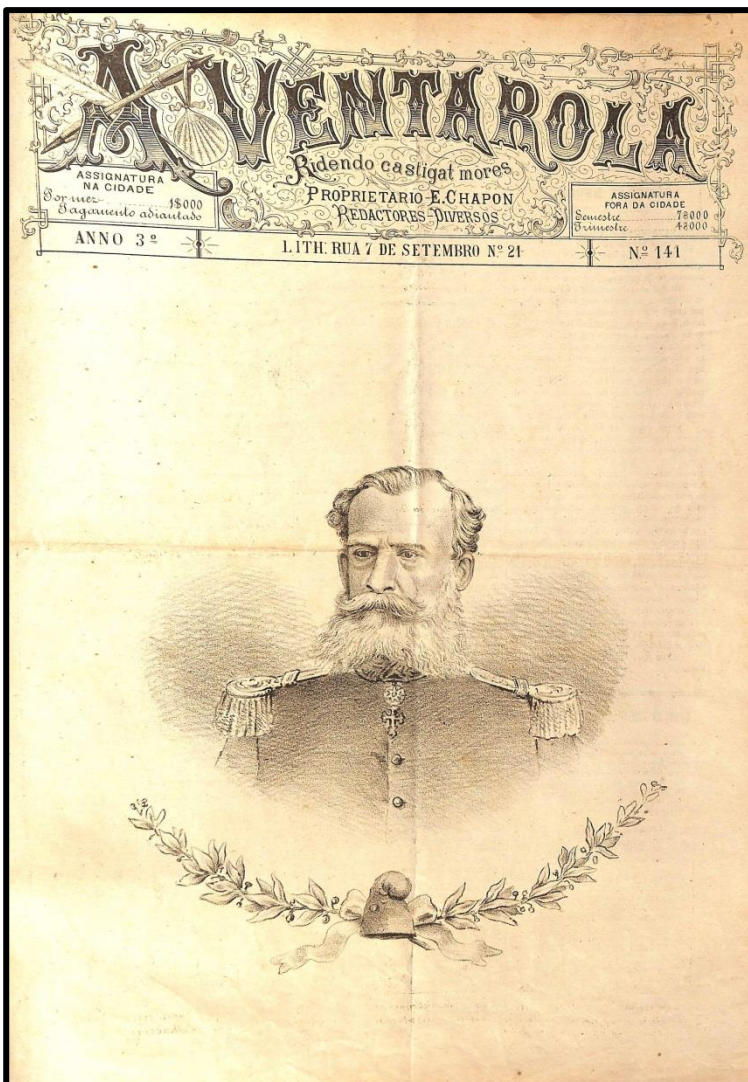
Em mais uma edição do periódico pelotense, o homenageado da “página de honra” foi o primeiro Presidente da República, Deodoro da Fonseca, cujo retrato aparecia emoldurado com uma coroa de louros, adornada com um barrete frígio. Declarava a folha que aquele era o momento “de render o tributo da nossa admiração ao bravo dos bravos, o herói por excelência da campanha que se acaba de ferir”, ou seja, “o ínclito marechal, o soldado veterano na defesa da honra e integridade da sua pátria, a figura mais proeminente do exército brasileiro”, bem como “aquele cujo nome, eternamente glorioso”, viria a passar “às páginas da história, aureolado pela gratidão e pelo respeito efusivo dos seus compatriotas e dos seus contemporâneos” e “seus irmãos da grande família da humanidade”. Lembrava alguns dos “mártires da independência”, considerados como “heróis sacrificados pelo despotismo monárquico”, os quais estariam a sagrar “a homenagem mais grandiosa que jamais a alma de um povo tributou ao resgatador dos seus brios e da sua honra”, como reconhecia na figura de Deodoro, o qual era glorificado pela folha<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 dez. 1889. A. 3. N. 141. p. 1-2.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Outro homenageado com o retrato estampado na primeira página de *A Ventarola* foi Manoel Ferraz de

Campos Sales, apontado como “vulto simpático e querido”, cuja imagem se associava “à trindade gloriosa que ocupou o lugar de honra nos últimos números desta folha”. O homenageado era qualificado como “eminente cidadão” a partir do “tão importante papel” que “desempenhou na propaganda das ideias republicanas”, vindo a ocupar “tão conspícua posição na política do país, de cuja direção partilha as glórias”. Desse modo considerava que, “amplamente, merecidamente”, Sales tornara-se “um daqueles a quem está destinado o mais brilhante futuro nos destinos da pátria brasileira”, graças ao seu “másculo e vigoroso talento, a sua fé inquebrantável na superioridade da causa que abraçou” e “a firmeza e a integridade do seu caráter de político, de escritor e de homem de Estado”. Em seguida eram abordados alguns dados biográficos acerca do político republicano<sup>23</sup>.

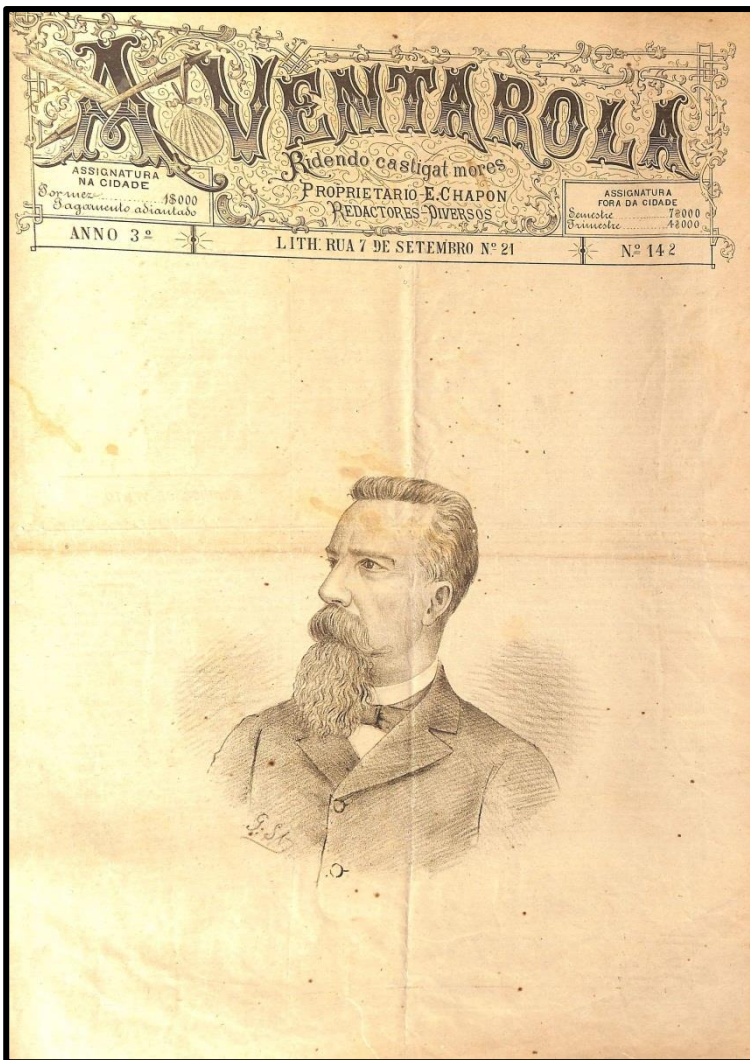
Em mais uma homenagem, a redação declarava que dava “em nossa folha o retrato de quatro proeminentes membros do nosso atual governo”, estampando os retratos dos “cidadãos Dr. Demétrio Ribeiro, Dr. Rui Barbosa, tenente-coronel Benjamin Constant e o chefe de divisão Eduardo Wandenkolk”, Ministros respectivamente da Agricultura, da Fazenda, da Guerra e da Marinha. Considerava que era “uma fraca, porém sincera homenagem” prestada “àqueles ilustres homens políticos, de cujo patriotismo, talento e aptidões tanto tem a esperar esse colosso americano que se chama Brasil”<sup>24</sup>.

---

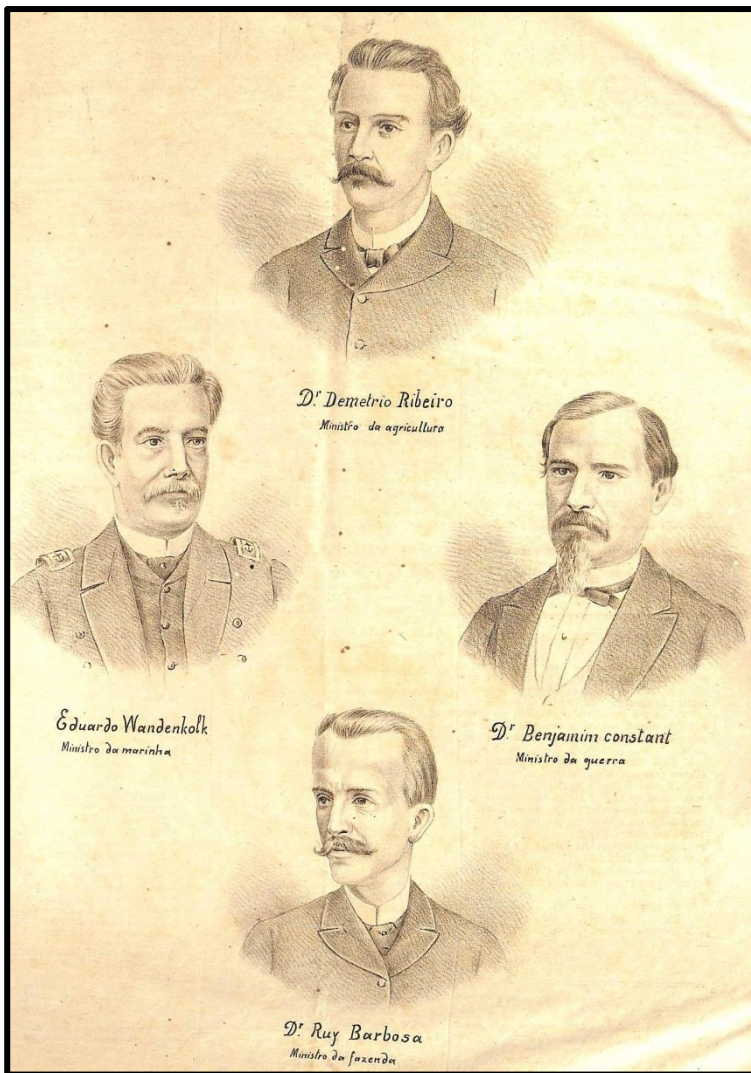
<sup>23</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 15 dez. 1889. A. 3. N. 142. p. 1-2.

<sup>24</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 29 dez. 1889. A. 3. N. 144. p. 2 e 4.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

O uso dos versos foi outro recurso utilizado por *A Ventarola* para exaltar a nova forma de governo. Foi o caso do “Hino à vanguarda republicana”, de autoria do jornalista e poeta sul-rio-grandense Carlos Bandeira Renault, o qual escreveu para vários jornais e pertenceu ao Grêmio Literário Pelotense:

Brasileiros, erguei vossas frentes!  
Já dos livres o sol resplandece,  
A verdade mais santa aparece  
Inundada de cândida luz;  
A torpeza lá vai desterrada,  
Os tartufos descoram de medo,  
Bestas feras tremeram bem cedo  
Ao fulgor que este feito traduz

(Coro)  
Liberdade, oh liberdade.  
Do Brasil os passos guia,  
Em nome da humanidade  
Calca aos pés a tirania!

Quanto tempo... que luta tremenda  
Sustentava este povo sereno!  
Alquebrava-lhe a força o veneno  
Da sinistra e fatal corrupção;  
Mas, um dia tomando as armas.  
Afrontando de irmãos os rancores.  
Triunfou numa senda de flores,  
Alçando gentil redenção

(Coro) Liberdade, oh liberdade, etc.

Que jamais possa vir um tirano  
Abater nossas frentes altivas,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Perturbar nossas horas festivas,  
Este solo bendito enlutar!  
E se vier encontrar há de sempre  
Este povo com armas em guerra,  
Apontando às agruras da terra.  
E bradando - *Ashaverus*, marchar! -

(Coro) Liberdade, oh liberdade, etc.

O progresso galopa nas veias  
Desta plaga de livres gigantes,  
Os monarcas - vergonhas distantes,  
Esmorecem lembrando o Brasil,  
Esta pátria tão bela, altaneira,  
Que se eleva risonha e sublime,  
Este povo que o povo redime,  
Sem um eco do torvo fuzil.

(Coro) Liberdade, oh liberdade, etc.

Glória, glória de imensa ventura  
Sobre a pátria gentil se derrama  
Da vitória abraçada na flama,  
Alegrias e flores aos mil!  
Harmonia na terra dos livres  
Que perdure, que brinque de novo  
E que brote das veias do povo  
Sempiterna ventura ao Brasil!

(Coro)  
Liberdade, oh liberdade.  
Do Brasil os passos guia,  
Em nome da humanidade  
Calca aos pés a tirania!<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 1º dez. 1889. A. 3. N. 140. p. 2.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Ainda na forma de versos, o hebdomadário trouxe ao seu público o “Hino da República Federal Brasileira”, cujo autor era o literato, professor e jornalista pernambucano, José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, autor de uma série de livros:

Seja um pálio de luz desdobrado  
Sob a larga amplidão destes céus  
Este canto rebel, que o passado  
Vem remir dos mais torpes labéus!  
Seja um hino de glória que fale  
De esperanças de um novo porvir!  
Com visões de triunfos embale  
Quem por ele lutando surgir!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz!

Nós nem cremos que escravos outrora  
Tenha havido em tão nobre país...  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos não tiranos hostis.  
Somos todos iguais! Ao futuro  
Saberemos, unidos, levar  
Nosso augusto estandarte que, puro,  
Brilha, ovante, da pátria no altar!

Liberdade! Liberdade, etc.

Se é mister que de peitos valentes  
Haja sangue no nosso pendão,  
Sangue vivo do herói Tiradentes  
Batizou este audaz pavilhão!

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Mensageiros de paz, paz queremos,  
É de amor nossa força e poder,  
Mas da guerra nos transes supremos  
Eis de ver-nos lutar e vencer!

Liberdade! Liberdade, etc.

Do Ipiranga é preciso que o brado  
Seja um grito soberbo de fé!  
O Brasil eis enfim libertado  
Sobre as púrpuras régias de pé!  
Hei-a, pois, brasileiros, avante!  
Verdes louros colhamos louçãos!  
Seja o nosso país, triunfante,  
Livre terra de livres irmãos!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz!<sup>26</sup>

Uma exaltação na forma de poema ao primeiro Presidente da República escrita pelo literato e filósofo sergipano Tobias Barreto de Meneses, autor de diversas obras de natureza filosófica e poética foi apresentada pela publicação caricata sob o título: “Ao bravo marechal Deodoro da Fonseca”:

Entre os atores do drama,  
Do vasto drama da história.

---

<sup>26</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 dez. 1889. A. 3. N. 141. p. 2.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Sobre o palco das batalhas  
Que ilumina o sol da glória,

É belo o papel daqueles,  
Dos poucos que são felizes  
Em mostrar nos peitos nobres  
O brasão das cicatrizes.

Vós sois do número desses  
Que em prol da pátria adorada,  
Abrem caminho às estrelas  
Com a ponta da sua espada:

Gládio ardente, que, envolvido  
Da guerra nas nuvens pretas,  
Percorre a órbita imensa  
Mais depressa que os cometas,

Vós sois do número desses,  
Que dizem ao raio: - Vamos!  
E a vitória com seus anjos  
Responde rindo: - Aqui estamos!

Em nome da pátria augusta  
Que a vossa espada defende,  
E em cujo altar a lembrança  
De heroicos feitos rescende;

Em nome da pátria santa,  
No dia dos vossos anos.  
Quando os gênios do combate  
De vós recordam-se ufanos;

Deixai que eu pague o tributo  
Que mais fala ao coração,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

- Águia sem rapacidade,
- Grande herói sem ambição!<sup>27</sup>

Buscando demarcar o caráter precursor do Rio Grande do Sul na instauração da forma republicana no Brasil, em referência ao processo revolucionário gaúcho de 1835-1845, a folha caricata publicou o “Hino Nacional da República Rio-Grandense”, ressaltando que o mesmo “foi cantado pela primeira vez em 30 de abril de 1839”:

Nobre povo rio-grandense,  
Povo de heróis, povo bravo,  
Conquistaste a independência,  
Nunca mais serás escravo!

Avante, oh povo brioso!  
Nunca mais retrogradar,  
Porque atrás fica o inferno  
Eu nos há de sepultar.

O majestoso progresso  
É preceito divinal,  
Não tem melhor garantia  
Nossa ordem social.

O mundo que nos contempla  
Que pesa nossas ações,  
Bendirá nossos esforços,  
Cantará nossos brasões!

(Coro)  
Da gostosa liberdade  
Brilha entre nós o clarão:

---

<sup>27</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 dez. 1889. A. 3. N. 141. p. 2-3.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Da constância e da coragem  
Eis aqui – o galardão!

O texto poético serviu também para que o hebdomadário reforçasse o escopo de associar o regime decaído com um modelo despótico de governo, com a publicação de versos de autoria de Francisco de Paula Pires, jornalista e literato gaúcho e diretor da Biblioteca Pública Pelotense:

MOTE  
CAIU O DESPOTISMO AO CHOQUE DAS IDEIAS

Glosa  
Jazia a pátria amada em cárcere abjeto  
Inerte, sem ação, anêmica, abatida!  
No catre da miséria há muito era retida  
E, triste respirava em ambiente infecto!

Tratada qual se fora um asqueroso inseto  
Sinais bem poucos dava a mísera de vida,  
E tinha junto aos pés – deitada, adormecida,  
A languida preguiça em rressonar completo!

Mas, eis, chega Mavorte, ao campo de honra a chama,  
Aponta-lhe do mundo as grandes epopeias,  
Ergue-a do leito vil! Ela de amor se inflama,

Lançando-se contente aos braços de um Emeias,  
E o mundo esta verdade ouviu da voz da fama:  
– *Caiu o despotismo ao choque das ideias.*<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 29 dez. 1889. A. 3. N. 144. p. 3.

Uma tendência dentre os novos governantes republicanos foi a elaboração de um projeto que visava eliminar ao máximo as memórias vinculadas ao regime decaído, em um plano que incluía mudanças nas denominações das vias públicas. Acompanhando tal intento, *A Ventarola* propôs esse tipo de modificação, objetivando abandonar denominações que lembravam o regime monárquico ou nomes vinculados à religião oficial do Estado Nacional Imperial, e, ao contrário batizar as ruas com nomes vinculados ao republicanismo, fosse na esfera nacional, fosse na provincial/estadual.

Assim, sob o título, “Uma lembrança”, o periódico dizia que, “como a Câmara Municipal terá de mudar a denominação de algumas ruas e praças da cidade, um ilustre patriota” lembrara “a essa distinta corporação os seguintes nomes para substituírem os antigos”: General Deodoro, para a Rua do Imperador; Bento Gonçalves, para a S. Miguel; Quintino Bocaiúva, para a S. Bárbara; Lima e Silva, para a Marquês de Caxias; Onofre Pires, para a S. Antônio; Lopes Trovão, para a S. Jeronimo; Ramiro Barcelos, para a de S. José; Tiradentes, para a S. Inácio; Saldanha Marinho, para a S. Domingos; Wandenkolk, para a S. Joaquim; Assis Brasil, para a S. Cruz; General Marques de Souza, para a Conde de Porto Alegre; Lucidoro Camarú, para a S. Francisco; Venâncio Aires, para a S. Paulo; Aparício Mariense, para a da Regeneração; Demétrio Ribeiro, para a da Independência; 15 de Novembro, para a Praça Pedro II; Praça da República, para a de D. Isabel, antiga da Igreja; Pedro Ivo, para a Henrique D’Ávila; Nunes Machado, para a Domingos Rodrigues; Silva Jardim, para a Avenida Conde D’Eu; 20 de Setembro, para a da Estrada

do Fragata; Domingos de Almeida, para a Estrada da Costa<sup>29</sup>. Em outra edição, o hebdomadário complementava, divulgando “Ainda uma lembrança” e explicando que, “como a nossa municipalidade terá de mudar a denominação de algumas das nossas ruas (o que admira ainda não tivesse feito)”, vinha a apresentar “à sua consideração mais os seguintes nomes, lembrados pelo mesmo ilustre patriota”: General Pinto Bandeira, para a Rua da Constituição; Garibaldi, para a da Liberdade; Zambecari, para a da Olaria, além da General João Manoel<sup>30</sup>.

Especificamente quanto aos acontecimentos imediatos que marcaram a transição da Monarquia à República, *A Ventarola* publicou o artigo “*Consummatun est*”, no qual narrava que “num momento de náusea, como quem tem no estomago uma feijoada supérflua, acaba o Brasil de vomitar no Atlântico todos os acepipes monárquicos ingeridos em diferentes refeições”, as quais teriam sido “pagas por bom preço, em diversas épocas, e pagas ainda uma vez, para esvaziar a tripa gigantesca da atual república”. A matéria chamava atenção para a ausência de ações de parte dos até então aliados do Imperador, muitos deles tendo deixado de lado Pedro II para dar “vivas à República”. Ao mesmo tempo contradizia a ideia de que a queda de monarca tivesse constituído uma “traíçoeira ingratidão nacional”, significando, isto sim, um passo para a independência nacional<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 1º dez. 1889. A. 3. N. 140. p. 2.

<sup>30</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 dez. 1889. A. 3. N. 141. p. 2.

<sup>31</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 2.

Na seção “Diz-se por aí”, formada de pequenas frases que cobriam a crônica semanal, a publicação caricata afirmava que “foi geralmente recebida com satisfação a notícia da proclamação da República”, estando “finalmente” o país “livre do trambolho monárquico”, o qual seria “o maior entrave ao progredir nacional”. Apelando para os estereótipos atribuídos aos membros da Família Imperial, destacava que, a caminho do exílio, estaria D. Pedro “a fazer sonetos”, a Princesa Isabel, “a compor sonatas” e o Conde D’Eu “a ouvir o somido das esterlinas que tão caras lhes são”. Considerava que o Imperador decaído tornar-se “o personagem com quem menos se têm ocupado os brasileiros”, tendo em vista “a nenhuma importância que nesse país se ligava à sua individualidade”. Demarcava ainda que os “indivíduos que se diziam monarquistas de convicção” calavam-se com a mudança institucional para manterem seus empregos. Apontava também para os posicionamentos de outros periódicos e de personalidades políticas perante a transição, vindo, ao final, a dar um “hurra entusiástico à República”<sup>32</sup>.

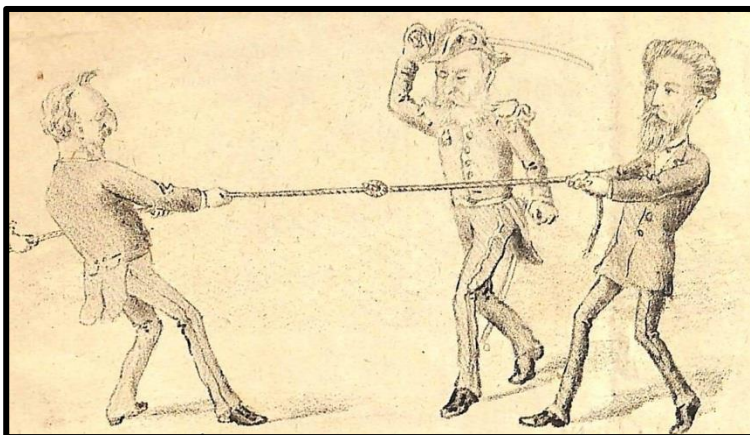
Já na parte ilustrada, o periódico representava a mudança na forma de governo brasileira como a disputa de um cabo de guerra entre um político monárquico e um republicano, cuja corda que os dividia apresentava um nó, o qual seria rompido a partir da ação do novo Presidente da República. Diante da cena, o destacava que “afinal, após uma luta gigantesca entre os princípios que simbolizavam estes dois homens – a Monarquia e a

---

<sup>32</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 2-3.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

República, a espada de Deodoro” cortara “o nó górdio da questão primordial da nossa existência política”<sup>33</sup>.



Em alusão à França, protótipo do ideal republicano ao final do século XIX, o semanário mostrava a cidade embandeirada, afirmando que “a bandeira tricolor passou a ser o emblema da nossa nacionalidade, ei-la em toda a parte”. Como uma resposta às ações pueris que os monarquistas imputavam aos republicanos, a folha mostrava que “venceram os homens a quem ainda a bem pouco tempo se ofereciam mamadeiras, como única coisa digna das suas infantilidades”. Aparecia também a vingança dos adeptos do republicanismo, que viravam o jogo,

---

<sup>33</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 4.

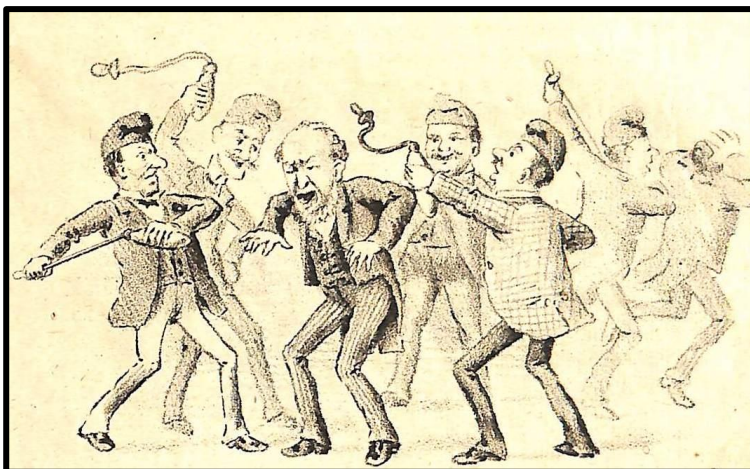
passando os monárquicos a “ser fustigados pelo látego vingador da justiça republicana”<sup>34</sup>.



<sup>34</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 4.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



A imagem feminina da deusa-republicana, vestida à romana, de barrete frígio à cabeça e com o pavilhão nacional à mão direita, aparecia perante a aclamação popular, diante do que o periódico declarava que “felizmente a nova aurora que raiou para os nossos destinos de nação livre e civilizada”, a qual “teve as saudações delirantes de um povo inteiro”; concluindo com a exclamação: “Viva a República!”. A folha colocava os seguidores da Monarquia como homens desorientados, ao utilizar vendas, desenho acompanhado da afirmação de que “tão unânime adesão ao novo estado de coisas nos faz supor que sob o regime da Monarquia muita gente havia que tinha os olhos vendados... para não ver”<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 4.

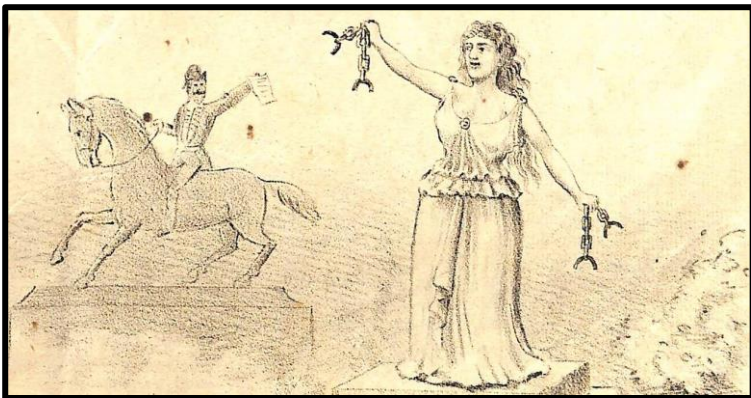
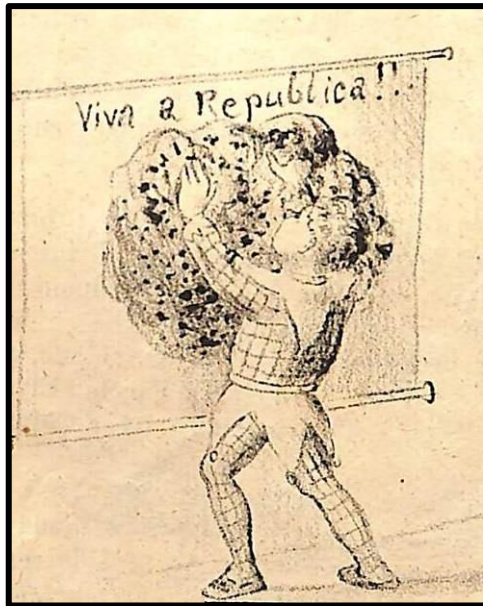


A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

O bobo da corte, representação da arte caricatural, sob a inscrição “Viva a República”, depositava uma coroa de flores, com o desejo manifesto de que deveria ser passada “uma esponja sobre o passado”, a partir da lembrança “de que somos todos brasileiros, antes de sermos partidários de um sistema político”. Desse modo, conclamava que deveria ser saudada “a república, símbolo da fraternidade humana”, devendo também constituir “o símbolo da confraternização dos brasileiros”. Em relação à estátua equestre erguida no Rio de Janeiro em homenagem ao primeiro Imperador brasileiro, monumento que trouxe consigo pesada crítica dos republicanos desde a sua edificação, o hebdomadário contrapunha a imagem da mulher-liberdade, que estaria a romper com os grilhões da opressão, associada à forma de governo decaída. Nessa linha, indicava que, “no lugar onde se ergue a *mentira de bronze*” deveria ser levantada “a estátua da liberdade”, naquele momento em “que não há um recanto da América onde não se ouça um hino de glória à República”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 4.



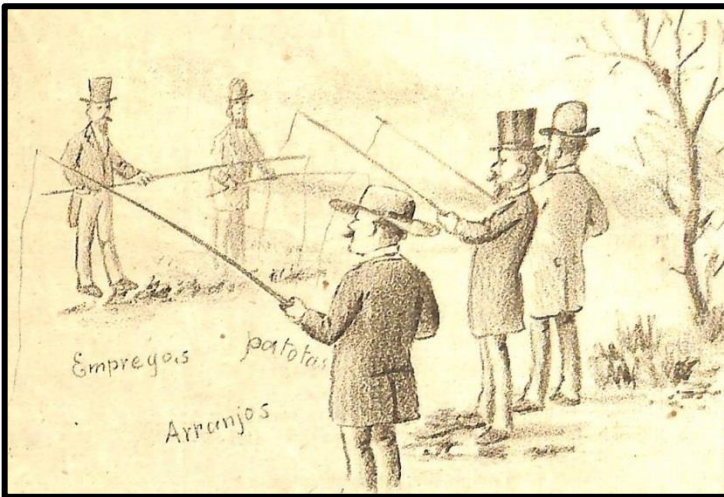
A folha lançava um olhar crítico sobre os adesistas de última hora à nova forma de governo,

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

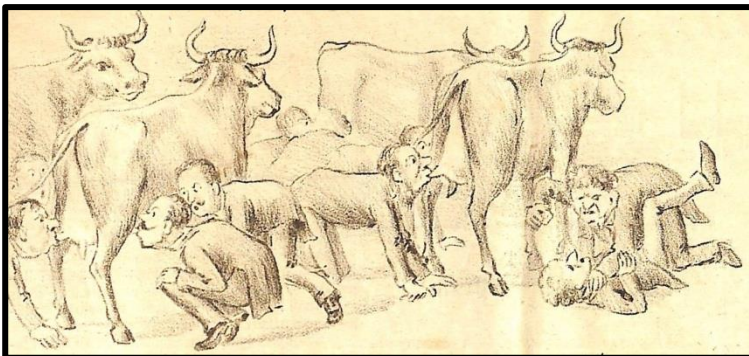
travestindo-os de crianças colocadas sob os cuidados de uma figura materna. Diante disso, declarava que, “depois de proclamada a República, os republicanos têm aparecido como cogumelos em terreno úmido”, havendo “alguns que dizem que desde os cueiros já professavam princípios democráticos”. Mantendo a perspectiva crítica, apresentava tais figuras ambicionando “pescar” empregos, patotas e arranjos, apontando que não passavam de “pescadores de águas turvas os tais republicanos”. Eles eram mostrados também se aproveitando dos úberes da nação, em relação à busca por locupletar-se com as verbas públicas, vindo a publicação caricata a questionar: “Quem não sabe o que eles querem é mamar fartamente nas tetas do Estado, já que estamos no período das vacas gordas?...”<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 1º dez. 1889. A. 3. N. 140. p. 4.



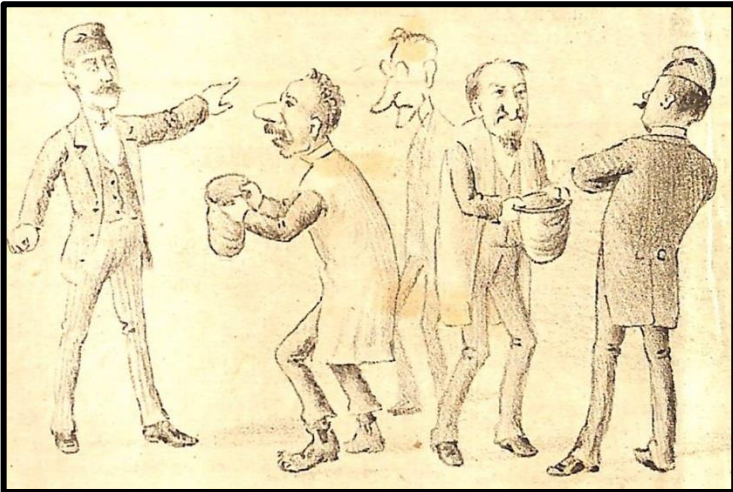
A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Ainda sobre o mesmo tema, o semanário intentava demonstrar que até pouco tempo atrás os noveis republicanos estariam a atacar os propugnadores do antimonarquismo, chamando-se de “abissínios que ainda ontem apedrejavam os mais conspícuos representantes da ideia democrática”. Chamava-os ainda de “miseros pretendentes”, que vinham “de sacola em punho, implorar a misericórdia dos vencedores”, considerando que “melhor seria que tratassem de meter a viola no saco”, vindo a recolher-se “aos seus penates, já que ninguém os chama ao louvado do dia”. As críticas se estendiam aos defensores do regime decaído, perguntando o que poderia ser dito “dos Jeremias que têm chorado as suas glórias passadas, os seus chiques galões, os seus penduricalhos, mimosas teteias”, com que foram brindados pela “pérfida *madrasta* – a monarquia”, embora alguns deles tenham aceitado o epíteto de republicanos, tendo-lhes sido vestido o barrete frígio<sup>38</sup>.

---

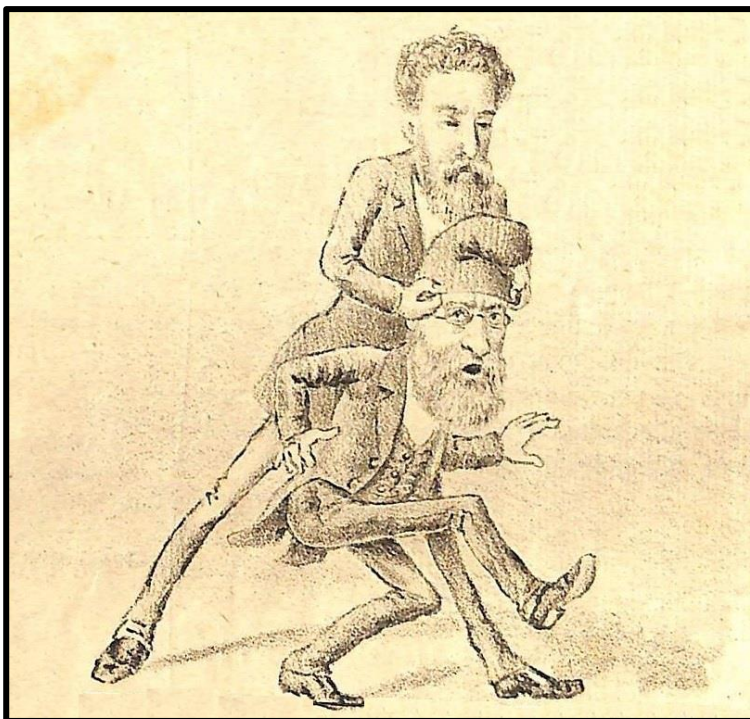
<sup>38</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 1º dez. 1889. A. 3. N. 140. p. 4.





A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

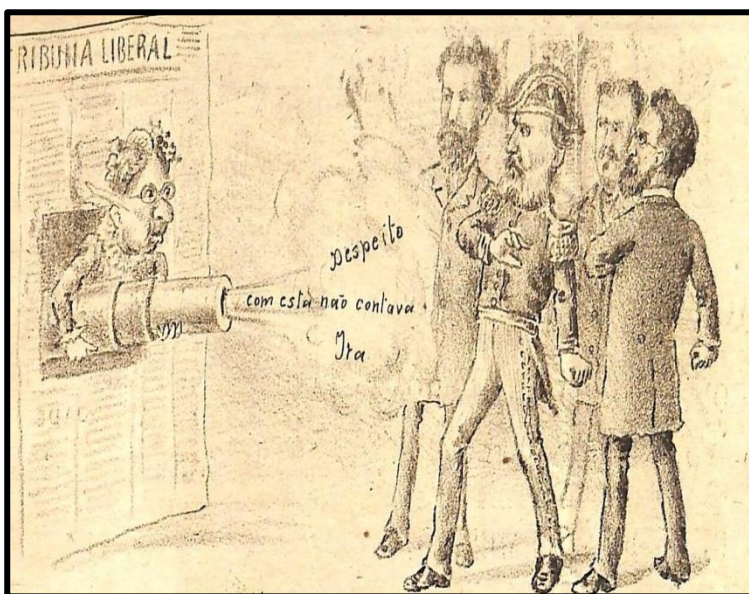




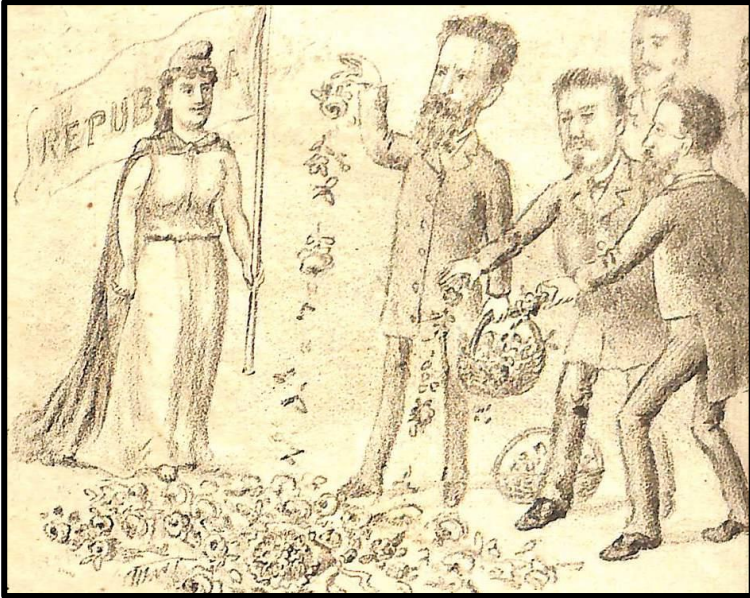
O periódico *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro, que optou por manter-se fiel à monarquia, foi profundamente criticado por *A Ventarola*, a qual representou o jornal carioca como uma velha senhora que disparava um canhão, cujas balas eram o “despeito”, a “ira” e a expressão “com esta não contavam”. Os alvos eram os integrantes do Governo Provisório. Diante do quadro, servia por legenda: “*A Tribuna Liberal* assestou as suas baterias contra o atual governo. Infelizmente, o jogo que faz a ilustre folha da restauração monárquica é em pura perda...”. A publicação pelotense partia em

## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

defesa da situação, posicionando-se favoravelmente à ação governamental, o que foi designado pela imagem dos homens públicos preparando um caminho de flores para a dama-república. De acordo com o semanário sulino, “o governo, que felizmente nos rege, vai alastrando de flores a estrada que tem de percorrer a nossa querida pátria”<sup>39</sup>.



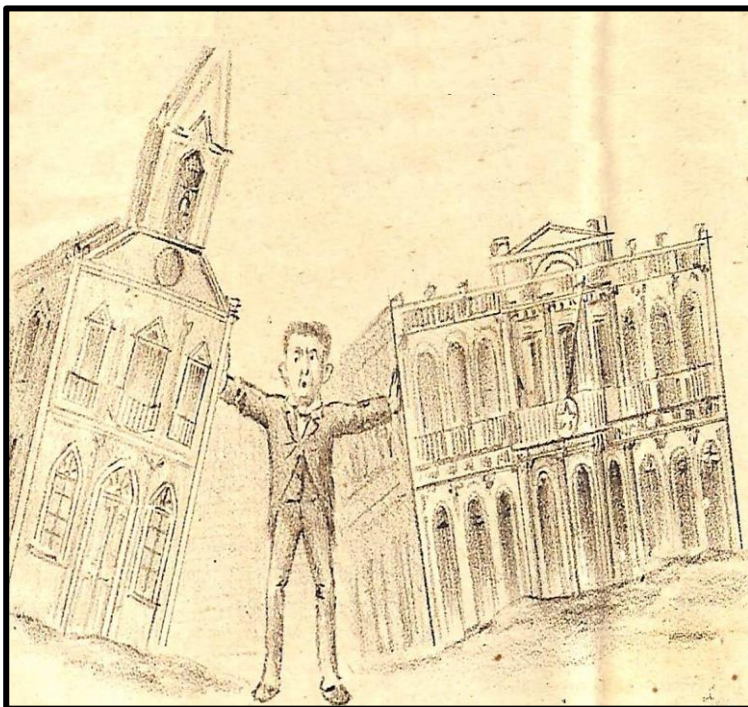
<sup>39</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 dez. 1889. A. 3. N. 141. p. 4.



O aplauso aos governantes era designado pela expressão “Bravo!”, considerando que tal saudação seria repetida se as autoridades cuidassem “de decretar a separação da Igreja do Estado”, ato representado iconograficamente por um indivíduo que se antepunha à união de dois prédios – uma igreja e um palácio governamental. Os clérigos, insatisfeitos com a reivindicação, apareciam como aves de rapina, prontas a atacar os cidadãos, diante do que, na defesa do Estado laico, os quais reagem, espantando os pássaros a pauladas. De acordo com tal perspectiva, o periódico afirmava que “não seja motivo para protelar uma medida tão necessária e urgente a grita desenfreada, o pio lamentoso das aves do templo”, as quais seriam

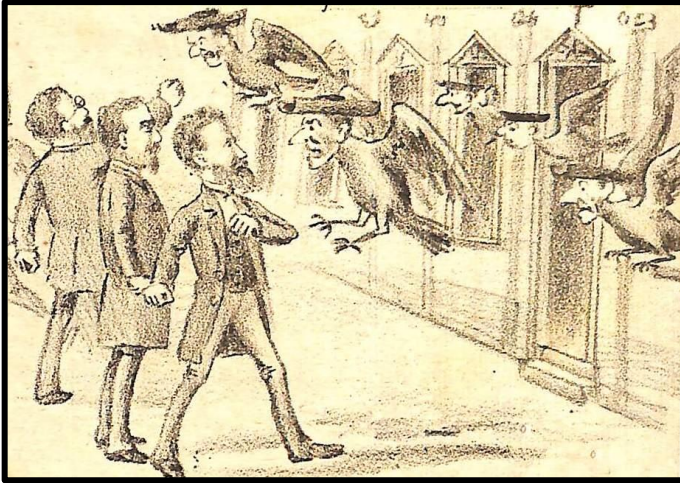
A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

“facilmente” postas “em debandada”, se o governo “for enérgico e inspirar-se em princípios compatíveis com a grandeza do ideal democrático”<sup>40</sup>.



---

<sup>40</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 dez. 1889. A. 3. N. 141. p. 4.

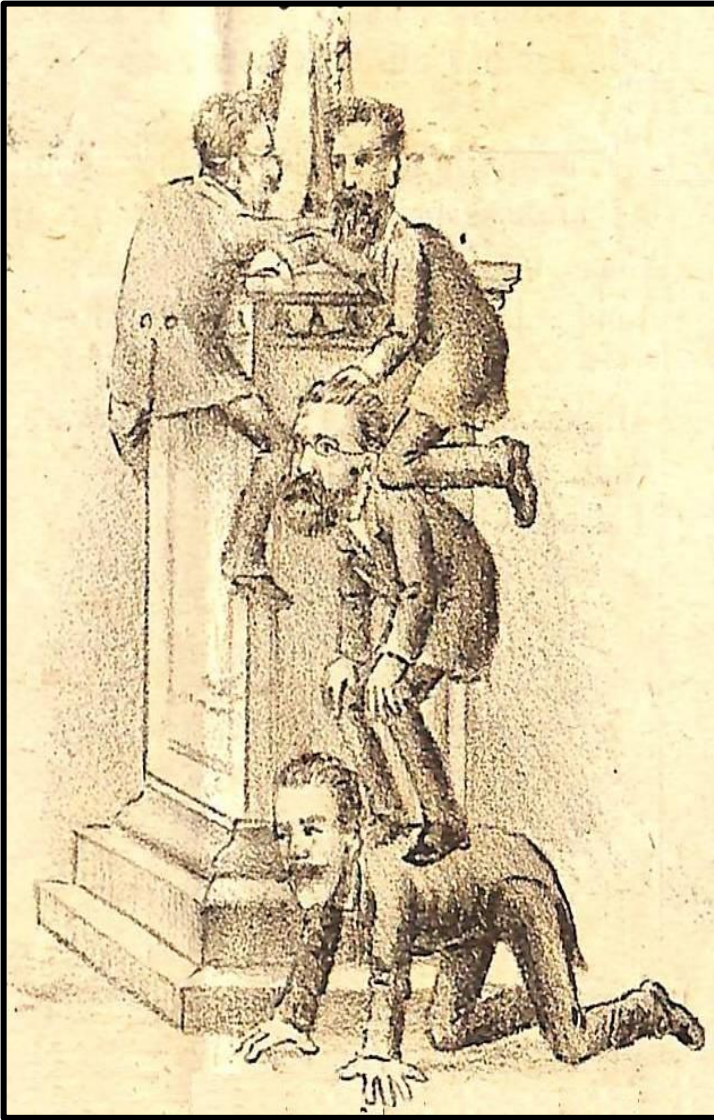


A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Mostrando os homens públicos empreendendo esforços para virem a compor um monumento honorífico, servindo de exemplo às gerações vindouras, a folha pelotense argumentava que, “decretando medidas instantaneamente reclamadas pela civilização e pelo progresso”, os administradores da “nação conseguem galgar o pedestal da imortalidade, sob o chuva das bênçãos da posteridade reconhecida”. Segundo a publicação caricata, “os republicanos cresceram e... multiplicaram-se, a ponto de se imporem pelo prestígio das ideias que representaram, pelo seu civismo e pela sua força numérica”. Mais uma vez fazendo referência aos republicanos de última hora, o hebdomadário destacava que “os fortes de ontem, hoje fracos, correm pressurosos a engrossar as fileiras dos batalhadores da democracia”<sup>41</sup>.

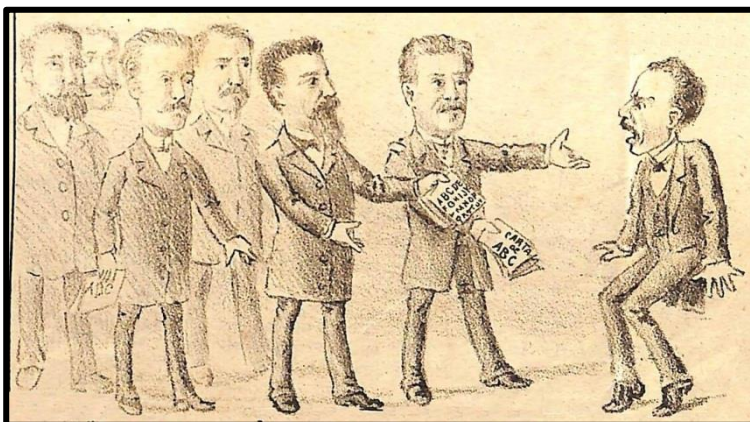
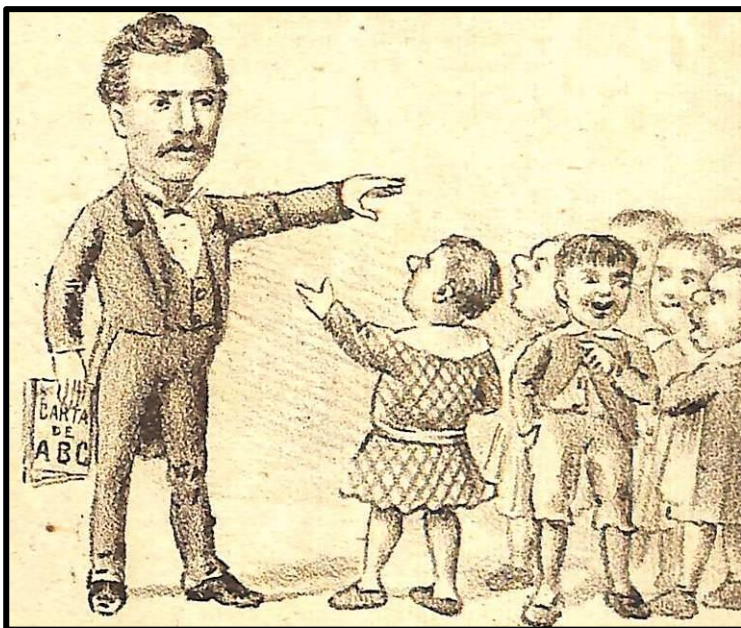
---

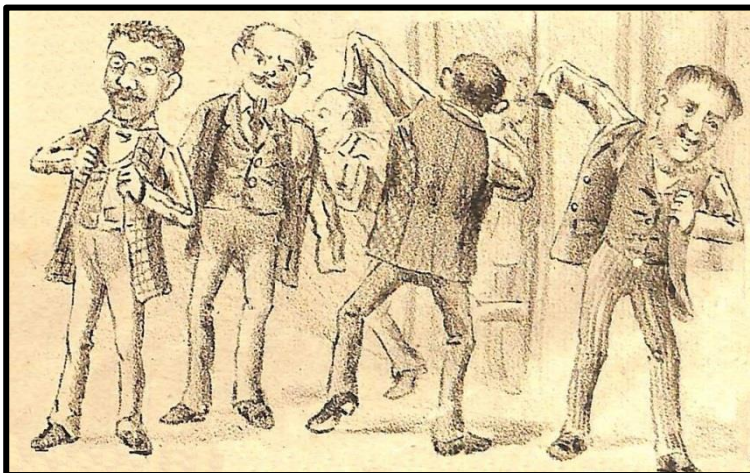
<sup>41</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 8 dez. 1889. A. 3. N. 141. p. 4.





A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA





Uma matéria publicada no semanário defendia a manutenção da Guarda Nacional, mesmo sob a égide da nova forma de governo. O artigo não deixava de aplaudir a transformação institucional, afirmando que, “positivamente, tudo quanto se tem passado desde a proclamação da República é mais do que extraordinário – é maravilhoso”. Era saudada “a paz gloriosa com que se fez a revolução” e aplaudido “o patriotismo de todos esses alegres rapazes que se formaram em batalhões acadêmicos para defender a paz”. Na mesma linha, era abençoado “o prudente juízo de todos os velhos patriotas que têm aconselhado respeito e obediência ao Governo Provisório”, bem como era dado “todo e inteiro apoio” aos novos governantes, os quais “parecem tirar

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

as leis já feitas de dentro do coração do povo, para não descontentar ninguém”<sup>42</sup>.

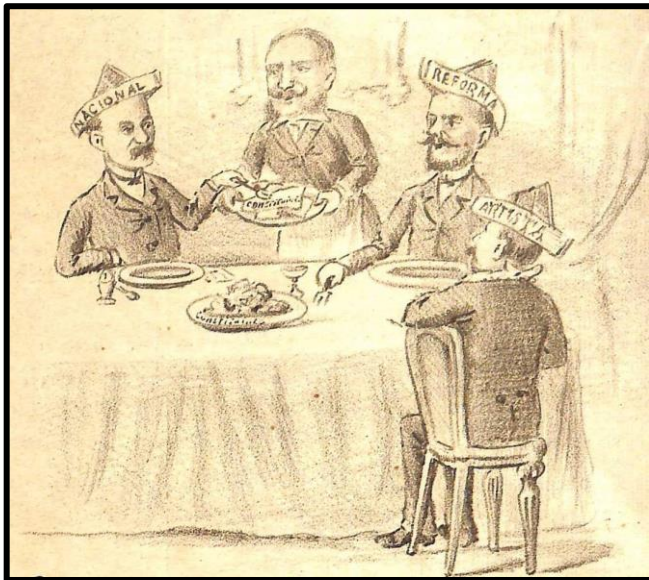
Levando em conta os defensores da imediata reconstitucionalização do país, o periódico pelotense mostrava os representantes de três jornais gaúchos, *O Nacional*, *A Reforma* e o *Artista*, argumentando que “a imprensa oposicionista não cessa de pedir constituinte e de clamar contra as delongas que o governo está pondo na convocação da mesma”. Na continuação mostrava aqueles jornalistas à mesa, servindo-se de aperitivos, diante da recomendação: “descansem os que assim vão com tanta sede ao pote... alheios, que o governo não tardará a servir-lhes o tão apreciado prato... constitucional...”<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 15 dez. 1889. A. 3. N. 142. p. 2.

<sup>43</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 15 dez. 1889. A. 3. N. 142. p. 4.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



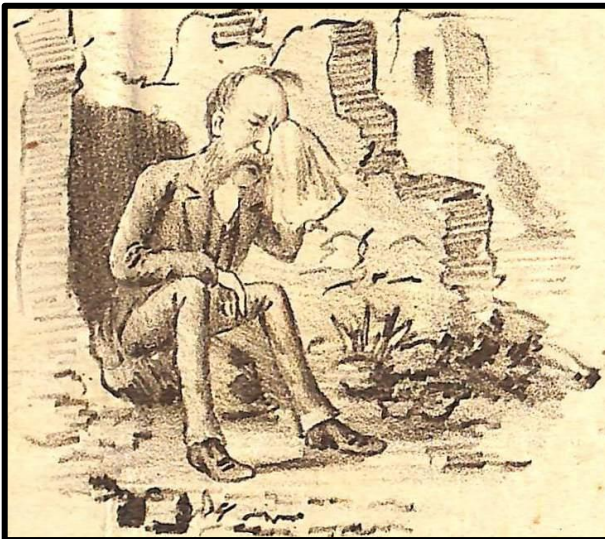
A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

A *Ventarola* fazia referência ainda a alguns indivíduos que pareciam perdidos com a nova situação, uma vez que viam seus interesses privados prejudicados. De acordo com a folha, “com algumas nomeações que já se tem feito, muitas pessoas, para quem um emprego era favas contadas e prometidas, têm ficado como aqui se vê: chuchando o dedo”. Apresentando o chefe do último gabinete imperial em prantos perante os escombros monárquicos e o líder liberal rio-grandense, como um pássaro, preso em uma gaiola, o caricato dizia: “Novo Mário, chorando sobre as ruínas de Cartago”, Afonso Celso “chora hoje no exílio os destinos do único império que existiu na América em fins do século XIX”, apontando também para “o engaiolamento” de Silveira Martins “no Rio de Janeiro”<sup>44</sup>.

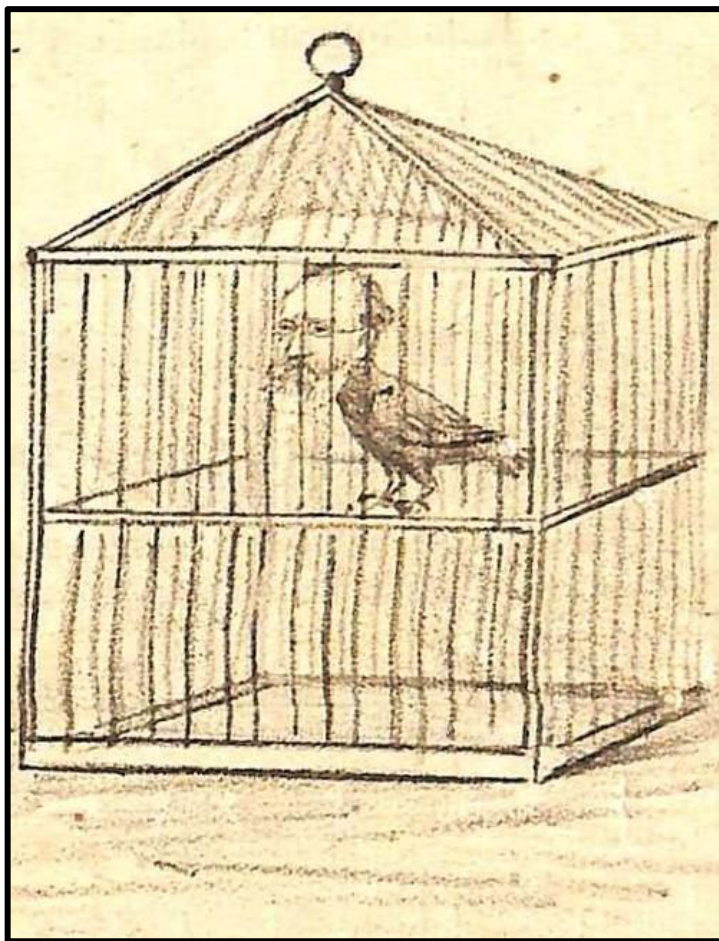
---

<sup>44</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 15 dez. 1889. A. 3. N. 142. p. 4.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

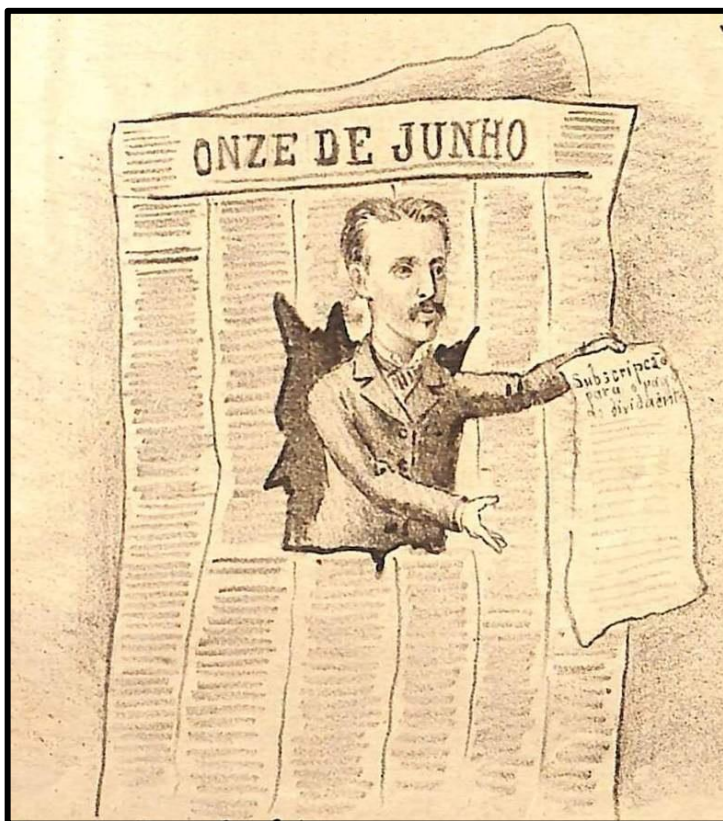


A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Divulgava também a campanha movida por um jornal em prol de angariar fundos para cobrir a dívida interna nacional, sem contar com o apoio popular. Dessa maneira, narrava que “o nosso colega do *Onze*”, ao acompanhar “o exemplo de algumas folhas da capital

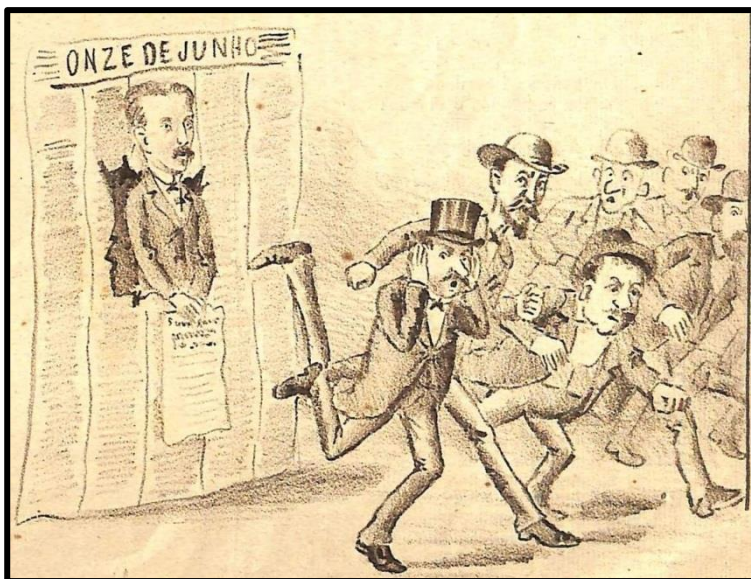
federal, abriu há dias em seu escritório uma subscrição popular para o pagamento da nossa dívida interna". Ao mostrar diversos indivíduos fugindo do promotor de tal campanha, o semanário destacava que "o cidadão *Povo*, porém, que é indiferente a estas coisas de patriotismo, fez ouvidos de... quem não quer ouvir e... era uma vez a subscrição!..."<sup>45</sup>.



<sup>45</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 15 dez. 1889. A. 3. N. 142. p. 4.



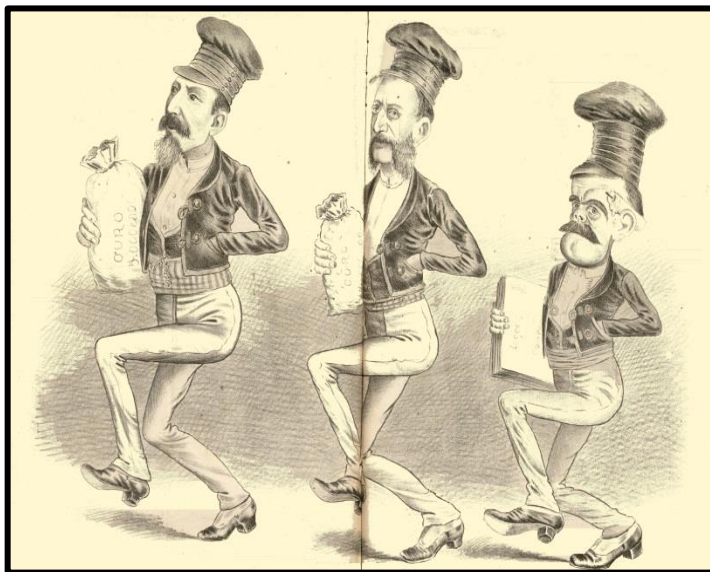
A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Por mais uma vez a publicação caricata pelotense debochava daqueles que tiveram seus interesses prejudicados com a nova forma de governo, ao mostrar três indivíduos suspeitos ao carregar sacos de ouro e ações, havendo referência a banimentos, desgraças e possíveis candidaturas<sup>46</sup>. Na mesma linha, monarquistas trôpegos e desesperados e um clérigo transmutado em porco, com todo o teor negativo de tal simbologia, lamentavam-se diante do funeral da forma de governo decaída, representada por uma coroa coberta por um crepe negro, acompanhada de várias coroas de flores e colocada sobre um caixão. A legenda dizia: “Aqueles que sempre prometeram ao país mundos e fundos,

<sup>46</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 22 dez. 1889. A. 3. N. 143. p. 1-4.

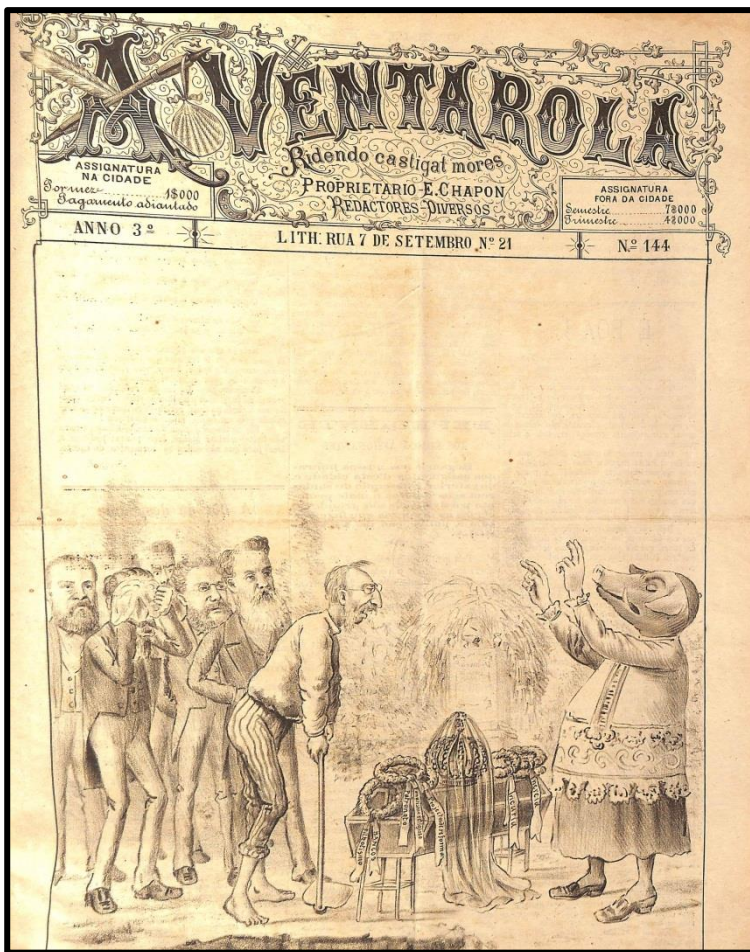
foram justamente os mesmos que o conduziram à vala comum”, sendo acompanhada pela expressão tumular: “*Sit tibi terra levis*”<sup>47</sup>.



---

<sup>47</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 29 dez. 1889. A. 3. N. 144. p. 1.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Sob o título “É boa!...”, a folha humorística pelotense chegou a lançar-se em oposição a um representante da imprensa estrangeira que teria tecido críticas à nova forma de governo brasileira, referindo-se ao “rancor do colega italiano, que vê na República do

Brasil a ruína e a perdição de seus compatriotas aqui colonizados”, chegando “a externar considerações pouco favoráveis ao atual Governo Provisório, atirando-lhe com invectivas que magoam e que mereciam ser respondidas”. Em relação às atitudes de Deodoro da Fonseca, consideradas pelo jornal italiano como “vil atentado”, a folha pelotense retorquia, qualificando-os como um “procedimento heroico do velho soldado brasileiro”, que se encontrava “à frente do gabinete republicano – o verdadeiro gabinete popular”. Segundo o caricato, era “preciso que se compreenda o grande alcance social” da mudança institucional brasileira, opinando que, ao contrário de um atentado movido pelo despeito, a ação de Deodoro fora um “sublime ato de patriotismo, com o qual encheu de orgulho os corações dos verdadeiros brasileiros”, constituindo também “um acrisolado devotamento à causa pública” e “um dedicado culto ao direito dos cidadãos, tão acremente vilipendiado pelo despotismo do governo do extinto Império”<sup>48</sup>.

Dessa maneira, *A Ventarola*, que sustentou durante toda a sua existência, por meio de suas construções textuais e iconográficas, um ideário plenamente antimonárquico, com a instauração da nova forma de governo, em 15 de novembro de 1889, deu vazão definitiva à expansão de sua flama republicana. A partir da proclamação da República o hebdomadário pelotense colocou-se na posição de um ardoroso defensor da causa governamental, propagandeando as ações dos novos detentores do poder e partindo em defesa dos mesmos, atacando frontalmente os possíveis

---

<sup>48</sup> A VENTAROLA. Pelotas, 29 dez. 1889. A. 3. N. 144. p. 2.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

inimigos. Praticando o estilo que à época se denominava joco-sério, o periódico não deixou de utilizar-se do humor como estratégia discursiva, mas também analisou a transição política sob um viés de maior seriedade. A folha, assim, parecia ter chegado à conclusão de seus intentos editoriais voltados ao engajamento, praticamente encerrando a causa que movia as suas edições.



# A República no Brasil e a imprensa ilustrada e humorística portuguesa

Ao final do século XIX, a monarquia portuguesa sobrevivia, apesar de enfrentar grave crise econômico-financeira e social. No campo político a rotatividade partidária sofria com desgastes, ao passo que o republicanismo ganhava terreno, bem como tendências mais à esquerda. Quanto à política internacional, Portugal sofria vários reveses, notadamente quanto ao avanço dos interesses dos países imperialistas em relação às possessões lusas no continente africano. Ainda assim, a imprensa lusitana, nas últimas décadas dos Oitocentos, passava por uma etapa de avanços quantitativos e qualitativos, com a publicação de vários gêneros jornalísticos<sup>49</sup>, dentre eles os periódicos voltados à arte caricatural.

---

<sup>49</sup> Sobre a imprensa portuguesa nessa época, ver: TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.; TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3.; RODRÍGUEZ, Alberto Pena. *História do jornalismo português*. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996.; CUNHA, Alfredo da. *Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas*. Lisboa: Otosgráfica Ltda., 1942.; MANSO, Joaquim. *O jornalismo*. Lisboa: Otosgráfica Ltda., 1942.; ARANHA, Pedro

Crítica, humorada e acrescentando um extraordinário atrativo – o uso da imagem –, em Portugal circularam diversos representantes da imprensa caricata. Nesses periódicos “a caricatura, como meio de provocar o contraste desejado”, servia-se “do cômico para descobrir a possível ‘verdade’, ou seja, uma nova maneira de olhar o mundo” visando a que o leitor despertasse e sentisse o que se passava em redor, uma vez que ela “não resignava, desafiava, provocava o riso, quase instantaneamente, e a reflexão”. Os semanários caricatos mantinham um constante trabalho de articulação discursiva entre o padrão escrito da imprensa que se somava à tradição oral do dia a dia das pessoas, resultando em uma ação cômica que multiplicava o poder de influência junto à opinião pública e, paralelamente, transmitiam uma perspectiva cotidiana, na qual “o espectador se sentia, invariavelmente, inserido”, ou até mesmo, eventualmente, um protagonista. Nesse sentido, “apesar dos limites que impunha a taxa de analfabetismo, a partir da sistemática ilustração em periódicos, sobretudo

---

W. de Brito. *Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.; ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers)*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *O jornalismo português: resenha cronológica*. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses*. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; e PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX*. In: *Revista de Sciencias Letras e Artes*. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3).



da caricatura”, criava-se “o impacto necessário” o qual conduzia “à atenção sobre o periódico, mesmo na condição de analfabeto”. Com imagem e texto incisivos, as folhas caricatas traziam “a tradução da crítica a um sistema degradado, levado aos limites do absurdo, ou seja, a sua troça e sua negação” representavam a subversão “da própria ordem social” e de específicas visões de mundo<sup>50</sup>.

Como na arte, a imagem expressa pela caricatura refletia-se sucessivamente a realidade exterior, a criação plástica e a realidade interior<sup>51</sup>, de modo que nos hebdomadários caricatos eram reproduzidos hábitos do cotidiano e do popular, como uma “língua afiada, pronta a criticar, a cobiçar, a por ao ridículo todos aqueles que fugiam à mediana, ou que punham em risco a passividade das suas vidas”. Tais publicações surgiam “às carradas”, mas eram, em geral, “de curta duração” e os motivos econômicos constituíam “a base dessas falências, já que representavam aventuras dos próprios jornalistas e desenhadores gráficos, sem capitalistas por detrás”. Nesse quadro, “bastava uma reação lenta do público em aderir ao projeto, ou uma querela judicial, para destruir” a proposta e, “se a isso se juntava falta de qualidade gráfica e humorística, o público não comprava” e “mais depressa se extinguia”<sup>52</sup>. Em alguns

---

<sup>50</sup> ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005. p. 123 e-125 e 127-128.

<sup>51</sup> HUYGHE, René. *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1896. p. 33.

<sup>52</sup> SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, s/data. v. 1. p. 14 e 202.

casos, entretanto, haveria maior êxito e tais folhas adquiririam sucesso entre os leitores, mantendo uma circulação regular por significativos períodos e garantindo uma excelente qualidade gráfica<sup>53</sup>.

Um dos mais importantes representantes da imprensa caricata lusa foi editado em Lisboa, tendo circulado entre 12 de junho de 1879 e 16 de dezembro de 1899<sup>54</sup>, com uma interrupção nos anos oitenta e noventa. Seu título era *O Antônio Maria*, que de acordo com suas práticas crítico-humorísticas, esteve entre os mais combativos ao *status quo* reinante em Portugal<sup>55</sup>. Em suas páginas ganhou vida o “imortal Zé Povinho”, figura representativa do povo lusitano. Faria “para o advento da república” mais “do que os outros jornalistas do partido”, através de “desenhos flagrantes, ousados e elucidativos”, que “eram como catapultas contra o regime”<sup>56</sup>. Nesse sentido, exerceu “vasta influência no espírito público” e, “com a sua pena cáustica, caricaturava a monarquia agonizante”<sup>57</sup> e sua ação representou um “novo renascimento da caricatura

---

<sup>53</sup> Texto adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além mar: a primeira década da República Brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2017.

<sup>54</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 59-60.

<sup>55</sup> FRANÇA, José Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976.

<sup>56</sup> MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1941. p. 101.

<sup>57</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 239

política em Portugal, marcando a história desta arte, e da política nacional até ao final do século”<sup>58</sup>.

Em um jocoso e irônico programa, o semanário caricato pretendia ser uma “síntese do bom senso nacional tocado por um raio alegre do bom sol peninsular” que iluminava a todos. Dizia que a ele não restava “outro remédio, na maioria dos casos, senão ser oposição declarada e franca aos governos, e oposição aberta e sistemática às oposições”, o que não o impossibilitaria “de ser amável uns dias por outros, e cheio de cortesia em todos os números”. Explicava que não vinha “possuído do extremo desejo de derribar as instituições vigentes” logo em seguida, esperando que elas ao menos o assinassem primeiro. Revelando a amplitude de seu público, afirmava que abria “os braços a todos os confrades” que soubessem ler e escrever, ou que tivessem “a ciência de assinar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositário dos segredos do seu espírito”. Enfim, propunha-se a fazer “em prosa e verso, à pena e a carvão, a silhueta da sociedade portuguesa no último quartel do século dezenove”<sup>59</sup>.

Por pouco mais de um lustro, a redação de *O Antônio Maria* teria de suspender a sua publicação, época em que foi substituído pelo hebdomadário *Pontos nos ii*, em um título alusivo à expressão cujo significado era o de analisar e esclarecer dada circunstância com argúcia. A folha manteria as mesmas características e linha editorial do semanário que substituíra e circulou em Lisboa entre 7 de maio de 1885 e 5 de fevereiro de 1891<sup>60</sup>,

---

<sup>58</sup> SOUSA, O. M. de, s/data. p. 202.

<sup>59</sup> O ANTONIO MARIA. Lisboa, 12 jun. 1879. A. 1. N. 1. p. 1.

<sup>60</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 179.

período no qual aconteceria o advento da República no Brasil. Em sua apresentação, o hebdomadário mostrava uma historieta de Maria que, viúva havia três meses de Antônio, em uma referência à publicação anterior, resolvera tocar a folha sozinha. Dizia que sua meta era a de fazer “rir sem descanso, de boca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos” que fervilhavam pelo país, “como formigas num açucareiro” e, com tais “galhofeiras disposições” vinha à “presença do público ilustrado” pedir “vênia para patentear – em doses o mais homeopáticas possíveis – todos os patuscos acontecimentos” de que tomara “nota no canhenho do seu Antônio, desde o dia em que ele fora chamado abaixo”<sup>61</sup>. Ao retornar, em 1891, *O Antônio Maria* reapresentava-se ao público em uma divertida conversa entre “Antônio, o moderado, e Maria, a irascível”, a qual, até então, estaria a orientar os *Pontos nos ii* e retomava alguns dos elementos programáticos estabelecidos à época da sua gênese<sup>62</sup>.

*Charivari* era o nome de outro hebdomadário caricato português, que circulou na cidade do Porto entre 13 de novembro de 1886 e 29 de abril de 1899<sup>63</sup>. Veio a constituir “uma peça importante” na história da caricatura lusa e, “adotando o nome de um célebre jornal humorístico francês”, procuraria “entrar na política nacional com o mesmo impacto” dos semanários lisboetas do mesmo gênero<sup>64</sup>. Em sua apresentação, o

---

<sup>61</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 7 maio 1885. A. 1. N. 1. p. 1-2.

<sup>62</sup> O ANTONIO MARIA. Lisboa, 5 mar. 1891. A. 7. N. 294. p. 1-2.

<sup>63</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 154.

<sup>64</sup> SOUSA, s/data. v. 1. p. 266 e 276.

## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

humor também estava presente, estabelecendo uma espécie de conversa direta com os leitores, na qual afirmava que fazer rir naqueles frios de inverno que principiavam a entorpecer os nervos faciais, dando “aos rostos o aspecto de republicanos austeros”, não seria tarefa fácil. Mas, mesmo diante de tal dificuldade, dizia que iria fazer “das tripas coração” para cumprir seu intento. Invocando figuras míticas e históricas de todos os tempos, como faunos da antiguidade, bobos da corte medievais e arlequins coetâneos, bem como vários nomes de exponenciais artistas da caricatura, pedia que tais “reis do riso” viessem em seu auxílio, trazendo-lhe “a ciência dos seus luminosos espíritos” para orientar-lhe em sua missão<sup>65</sup>. Assim, a folha, de acordo com seu espírito crítico, faria jus a seu título, que se referia “a berrarias, tumultos, conflitos e confusões”<sup>66</sup>.

Também do gênero caricato, foi publicada em Lisboa, de 6 de outubro de 1888 a 19 de dezembro de 1889<sup>67</sup>, *A Comédia Portuguesa*, que se intitulava como “crônica semanal de costumes, casos, política, artes e letras”. Em seu primeiro número, a folha buscava demonstrar que teria um comportamento mais ameno em relação aos seus colegas caricatos, ao informar que seria “crítica, perfeitamente imparcial, sem peias e sem atrevimentos” que melindrassem “a liberdade de cada um, na sua esfera de ação”. Sustentava ainda que sua

---

<sup>65</sup> CHARIVARI. Porto, 13 nov. 1886. A. 1. N. 1. p. 2.

<sup>66</sup> ALVES, Francisco das Neves. Um *Charivari* na República: representações da nova forma de governo brasileira nas páginas de uma folha humorística lusa. In: *Revista Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2010. v. 1. n. 2. p. 62.

<sup>67</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 172.

crítica não iria “aspirar à gargalhada ruidosa, nem pela insolência do desenho, nem pelo torpe do assunto, nem pelo desbragado da linguagem”, mas constituiria “uma crítica moralizadora e fecunda, não menos cruel, por delicada”. Desse modo pretendia criticar todos os assuntos ligados à política, às artes, à ciência e aos costumes da sociedade portuguesa, “não só analisando o seu viver de dia a dia, mas consagrando números especiais, às suas instituições, escolas, museus, teatros, foro, câmaras”, bem como às suas coletividades. Assim enunciava o seu programa, garantindo que ele não teria “a graciosa propriedade de ser apenas um amontoado de palavras sem importância, como os programas políticos” da imprensa lusitana<sup>68</sup>.

Os periódicos caricatos lusitanos apresentaram a República Brasileira a partir de uma óptica jocosa, praticando um jornalismo eminentemente crítico. Eles refletiam os comentários do dia a dia, em verdadeiros fragmentos do cotidiano, trazendo ao público uma versão diferenciada dos acontecimentos no Brasil. A partir de uma linguagem que normalmente rompia com a formalidade da maior parte das publicações ditas sérias, tais periódicos aproximavam-se dos modos de expressão mais populares e até demonstravam uma certa proximidade em relação a seus leitores. Por meio das incisivas caricaturas, ou dos textos carregados de ironia e humor, essa imprensa trouxe a lume outros olhares sobre a transformação institucional no Brasil. Dentre as mais recorrentes manifestações desses jornais estiveram a busca da personalização da transição

---

<sup>68</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 6 out. 1888. A. 1. N. 1. p. 3.

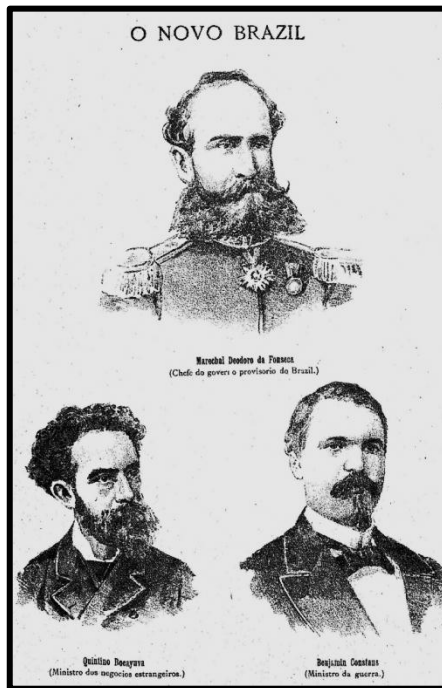
brasileira, a abordagem da rapidez com que fora instaurada a República, a resignação do monarca em perder a coroa, as sugestões quanto às influências da mudança brasileira no *status quo* luso, as desventuras e peripécias em que D. Pedro II foi envolvido e a visão jocosa até mesmo em relação aos novos detentores do poder no Brasil.

Assim, dentre as perspectivas trazidas pelas folhas lusitanas voltadas ao humor foi a tentativa de personificação dos acontecimentos no Brasil. A ideia básica eram mostrar ao público algumas faces que representassem o regime decaído e/ou os homens que ascendiam ao poder. Do outro lado do oceano, as feições de Pedro II até poderiam ser conhecidas, mas os membros do Governo Provisório eram, em geral, eméritos desconhecidos. Nessa linha, com sua tendência antimonárquica, o semanário *Pontos nos ii* apresentava “O novo Brasil”, estampando na primeira página os retratos do primeiro Presidente, Deodoro da Fonseca, e de dois de seus ministros, Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, este, inclusive, escolhido pelo jornal como o protótipo do republicano brasileiro<sup>69</sup>. O *Charivari* por sua vez, não tão preocupado com o republicanismo, apresentava o quadro “A Revolução no Brasil”, no qual o primeiro a figurar era D. Pedro II e, abaixo dele, apareciam Quintino Bocaiúva e Deodoro da Fonseca. De acordo com o jornal, “publicando os retratos dos principais vultos da revolução do Brasil”, pretendia acompanhar aquele “grande acontecimento”, dando “ao público uma página” que seria “recebida com bastante

---

<sup>69</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 dez. 1889. A. 5. N. 227.p. 1.

interesse”<sup>70</sup>. Já *A Comédia Portuguesa*, sem os mesmos recursos gráficos e provavelmente na falta de ilustrações dos novos governantes, limitou-se a publicar a legenda “D Pedro II, Imperador do Brasil – destronado em 15 de novembro de 1889”, a qual acompanhava o retrato do soberano<sup>71</sup>.



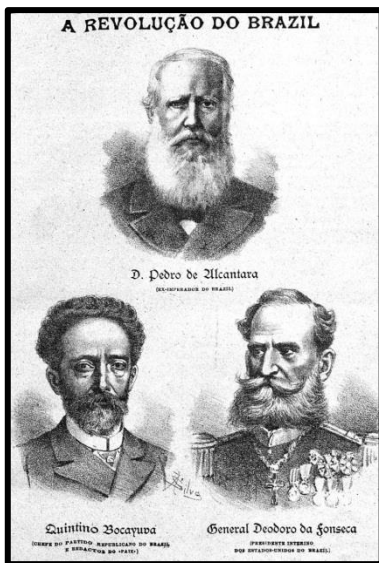
---

<sup>70</sup> CHARIVARI. Porto, 23 nov. 1889. A. 4. N. 15. p. 1.

<sup>71</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 2. N. 5. p. 1.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Outro dos aspectos mais abordados por essas publicações foi a forma praticamente instantânea com que se estabeleceu a nova forma de governo no Brasil. Segundo tais jornais era espantoso como, do dia para a noite, caía um Imperador e assumia um Presidente e tais reações foram expressas através do humor. Nesse quadro, o *Pontos nos ii* publicou um jogo de caricaturas intituladas “Como se proclama uma república”, no qual apareciam como personagens centrais D. Pedro II, o Imperador derrubado, Quintino Bocaiúva, escolhido pelo jornal para personificar em si a figura dos republicanos brasileiros e um general, em alusão ao Presidente original Deodoro da Fonseca. Sempre com o barrete frígio à cabeça, Bocaiúva informava Pedro II a respeito da mudança na forma de governo. O imperador reagia com uma expressão que iria tornar-se recorrente nas representações a seu respeito – “Já sei, já sei” –, a qual sintetizava a sua atitude de aceitação diante da perda do poder<sup>72</sup>.

Esse espírito resignado perante o fato consumado, que gerou tantos comentários que acabaram por se fazer presentes junto à imprensa portuguesa, era também representado pelos atos do personagem, retirando passivamente a própria coroa e praticamente entregando-a ao republicano, para, em seguida, desfazer-se dos trajes imperiais, colocando vestes civis e, à beira-mar despedir-se tranquila e polidamente daquele que lhe intimara ao exílio, sem esboçar nenhum sinal de reação. A resignação de D. Pedro aparecia também ao ser desenhado indo em direção à Europa, tristonho, mas em aceitação, a bordo de um barquinho de papel,

---

<sup>72</sup> PONTOS NOS II. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 5. N. 225. p. 4-5.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

propositalmente feito de uma página do *País*, uma das principais folhas republicanas brasileiras. O mesmo sentimento era reproduzido na figura que fechava o quadro, mostrando o Imperador que deixava seu país, simbolizando pelas palmeiras, tantas vezes alusivas àquelas terras tropicais, enquanto um militar, com um barrete frígio e os louros da vitória às mãos era recebido como vencedor. Segundo o periódico, tudo se resumira aquilo: “Um Imperador que sai, no momento histórico em que um general entra. Eis enfim, simplificando, o problema da evolução”<sup>73</sup>.

---

<sup>73</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 5. N. 225. p. 4-5.



Em outra caricatura, preenhe em simbolismos, o *Pontos nos ii* mais uma vez expressava a rapidez com que se dera a transição brasileira. Sob o título "Transformação nas fórmulas do Brasil e seus destinos" as figuras eram acompanhadas por um jogo de palavras

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

que serviam para representar os acontecimentos. Através da imagem, o hebdomadário mostrava a mudança na forma de governo do Brasil que, primeiramente, passava pela forma de um fruto – “Há pouco era ainda a velha castanha de caju que governava” – que se transmutava assumindo as feições estilizadas de um Pedro II coroado. A coroa, entretanto, viria a ser substituída pelo barrete frígio e a face do Imperador, pela do republicano Quintino Bocaiúva, que, segundo a folha, formaria a partir de então uma fortuna a partir do *País*, em um capcioso jogo de vocábulos que deixava ironicamente implícita a dúvida se a riqueza chegaria por meio do jornal que levava aquele título, ou se a partir da exploração da nação. Nas palavras do periódico, a situação no Brasil dera “uma reviravolta”, deixando “cair a coroa, e o país adicionou-lhe um tope e uma cara”. E isso seria tudo – “por para baixo o que estava para cima” e dando-se vivas ao “que estava para baixo”, como antes era dado ao “que estava para cima”, e, nesse ritmo se iria “fazendo tranquilamente a fortuna do ‘País’”<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 dez. 1889. A. 5. N. 227. p. 6.

TRANSFORMAÇÃO NAS FORMULAS DO BRAZIL  
E SEUS DESTINOS



CAJU

Ha pouco, era ainda a velha castanha de cajú que governava.



Deu uma reviravolta, deixou cair a coroa e o Paiz adicionou-lhe um topo e uma cara. Eis tudo : pôr para baixo o que estava para cima — e então :



Manuel Montalvo e Ribeiro

viva o que estava para baixo, como hontem era viva o que estava para cima, e assim se irá fazendo tranquillamente a fortuna do «Paiz».

A impressão do movimento rápido e instantâneo para instaurar-se a República foi expressa ainda pelo *Charivari* que associou tal perspectiva a uma crítica à própria imprensa e às maneiras com as quais ela tratara tais episódios. O semanário sintetizava os fatos pela constatação de que caíra o Império brasileiro e levantara-se a República, constituindo isso uma notícia que não aterrorizava ninguém, e que apenas surpreendera “a Europa, por não contar com aquela mudança em vida do Imperador”. Segundo o jornal tal notícia fora transmitida por uma agência internacional, e, a partir de então, o jornalismo passara “a moer a paciência de todos, dando ao público novos telegramas”, sem que estes adiantassem “nada aos primeiros que se receberam e que deram o fato do estabelecimento da República no Brasil como consumado”. A folha ressaltava o laconismo dos informes, o qual permitira que cada gazeta “fizesse uma prosa a seu modo”, entretanto, os telegramas eram sempre os mesmos, mas que a cada dia resultavam em comentários diferentes por parte dos jornais, sendo tal atitude recorrentemente repetida em Lisboa e no Porto e, mais uma vez, quando chegavam publicações espanholas, francesas, inglesas e alemãs, que depois de traduzidas, eram apresentadas como novas. Dessa maneira, o hebdomadário sintetiza sua crítica, afirmando que a imprensa dava “aos leitores novos telegramas, sem adiantar uma única circunstância interessante aos primeiros que recebera”, uma vez que eles eram “sempre os mesmos, só com palavras diferentes”<sup>75</sup>.

Na mesma linha, *A Comédia Portuguesa* estabelecia a técnica de misturar informações sérias com

---

<sup>75</sup> CHARIVARI. Porto, 23 nov. 1889. A. 4. N. 15. p. 2.

passagens engraçadas, afirmando que o fato que abalara “profundamente a sociedade portuguesa” fora “sem dúvida o da proclamação da República do Brasil”. Segundo o semanário, “era coisa assente no ânimo de todos, e ainda no dos próprios republicanos brasileiros, que em atenção à velhice do Imperador” e ao “estado de saúde do mesmo augusto senhor”, bem como “em homenagem à maneira democrática como ele comia maçãs pelas Vicências da Europa e assistia de rabona e mala a tiracolo aos capelos das universidades”, que não lhe seria dado o desgosto de ser apeado “do trono sob cujo dossel lhe embranquecera a barba respeitável”. Mas o periódico atalhava ao dizer que “todas as boas vontades e atenções com que esperavam cercá-lo até ao último dos seus dias, se transformaram numa ordem de passeio até a Europa”. O jornal dizia ter até certa dó do Imperador, mas, politicamente, considerava “ridícula a lástima, porque perante a evolução social e as grandes leis gerais, o vulto de um imperador teria tanta importância como a de qualquer indivíduo”<sup>76</sup>. Mantendo a estratégia do misto entre sério e jocoso, o hebdomadário, a partir de frases curtas e diálogos, passava a ressaltar o imediatismo com que se desencadearam os fatos da mudança na forma de governo brasileira:

    Não há memória na história de coisa tão grande, feita com tanto sossego e simplicidade. Também, seja dito de passagem, não há exemplo de um imperador deste feito, de uma condescendência e de

---

<sup>76</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 2. N. 5. p. 2.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

uma bonomia *cumulesca*. Um general resolve revoltar-se; uns amigos aproveitam a ideia e vão dizer a outros amigos:

O general D. revolta-se, aproveitemos nós a revolta para fazermos a grande mudança do governo?

- Bem pensado seu Soares, vamos fazer a República. Se há de ser amanhã, seja hoje. E o Imperador?

Esse está por tudo, até por ser mestre de meninos.

Pois vá feito. Avisam-se as províncias de hoje para amanhã e é negócio decidido.

O general D. revolta-se. Os amigos juntam-se. A marinha diz que sim, o exército aprova. Em quinze minutos estava tudo feito.

Já vossa imperial majestade sabe da novidade, meu senhor?

- De qual?

- A de há bocado?

- Não sei.

Está proclamada a República, revoltou-se o general D. com ele marinha, exército, pretos e mulatos, capoeiras e comendadores!

- Homem muito me conta você.

Isso é certo?

- Certíssimo e vossa majestade o que vai fazer?

- Eu, ora essa, vou fazer as malas.

E assim foi, malas cheias, recebidos os últimos protestos de respeito, o Imperador aí vem para a Europa, deixando um Império colossal, com a mesma sem-cerimônia com que se deixam umas botas velhas num hotel.

Este homem não tinha um amigo, um homem dedicado, um protegido, um credor, em meio século de imperar! Todos disseram que sim, até ele. Não houve um grito contra, tudo apoiado.

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

E o Brasil é hoje a República do Brasil, feita assim com ares de castelo fantástico em cosmorama de figuras dissolventes.

Espanto de lição para governantes.

Coisas da América; não estivesse o Brasil na América e não se gabaria de tal.

Com que então, cidadãos brasileiros, a sorte grande, a taluda?

Ora, pois, parabéns e para que vivam<sup>77</sup>.

Ainda sobre o mesmo tema, *A Comédia Portuguesa* narra que o Imperador fora “intimado para sair do Brasil” e, “como se fosse apenas mudar de casa, ou mudar de casaco”, aceitara “a intimação com uma tão natural facilidade” que chegava a parecer que ele entrara “na conspiração contra o Ministério e lhe estava reservado o papel de desistir do trono, caso o trono tivesse de cair no boléu dos ministros”. Segundo a folha, a partir de tal atitude, começava-se “a compreender que um homem que não” dava “importância a uma coroa imperial” que lhe arrancaram da cabeça, não poderia dar “mais importância a um capelo medieval” que era encaixado “na cabeça de qualquer sujeito, diante dos reis emproados pelas paredes, aos sons rancorosos de uma charamela de botocudos a roncar alegrias e respeitos”. E o semanário completava a ideia da resignação de Pedro II, destacando que ele havia “deixado no baú dos objetos velhos de serviço cotidiano a coroa e o cetro”, o que não

---

<sup>77</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 2. N. 5. p. 2.

seria “igual a deixar um guarda-sol partido ou uns sapatos de orelho já coçados”<sup>78</sup>.

A instantaneidade da proclamação da República e a resignação de Pedro II foi abordada ainda pelo hebdomadário *Pontos nos ii* que apresentou uma matéria intitulada “*Interview* com o sr. Pedro de Alcântara”, na qual, como só a imprensa caricata poderia fazer, antecipava-se no tempo, caricaturalmente deixando todos os seus colegas de jornalismo para trás. A carência de informações era a mais recorrente constatação dos jornais que reclamavam não poder trazer notícias fidedignas para seus leitores. Conversar com alguém vindo do Brasil tornava-se uma necessidade premente, segundo as folhas lusas, e o semanário caricato, muito imaginoso, não só conseguiria entrevistar alguém, como também o fazia em relação a um dos protagonistas do momento que era Pedro II o qual, pelas páginas do jornal, por meio de texto e desenhos, antecipava seu testemunho antes mesmo de chegar à Europa<sup>79</sup>.

Na “*Interview*”, o semanário utilizava-se de uma estratégia discursiva comum às publicações de seu gênero, intercalando uma linguagem supostamente séria, com outra, abertamente jocosa. De certo modo, a folha caricata realizava uma crítica à própria imprensa lusa, sintetizando o debate entre as publicações monárquicas que endeusavam o Imperador brasileiro, ao passo que as republicanas representavam-no como um inútil. Nesse sentido, dando um tom supostamente científico a seus dizeres, o jornal *Pontos nos ii* comparava

---

<sup>78</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 19 dez. 1889. A. 2. N. 9. p. 3.

<sup>79</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 5. N. 225. p. 7-8.

Pedro II a uma ave, concluindo por apontá-lo, primeiramente, como um pássaro exuberante, como uma águia, ou um condor, mas que, perdendo o poder, transformara-se num peru, ou seja, uma ave supostamente estúpida e passível de ser comida, a qual seria entrevistada, afinal, “nada mais natural”, pois os *interviews* estavam na moda. O texto era ilustrado com desenhos que mostravam o repórter conversando com Pedro II que apontava para as “palmeiras onde canta o sabiá” - por ele tão decantadas em versos, reproduzindo a “Canção do exílio” de Gonçalves Dias - e simbolizando a pátria perdida. Também Quintino Bocaiúva, mais uma vez representando os republicanos, aparecia em cena para tirar a coroa e expulsar o Imperador<sup>80</sup>.

A entrevista propriamente dita do *Pontos nos ii* com o Imperador consistia em um jogo de perguntas e respostas, quase sempre breves. Tal reportagem, embasada na imaginação, trazia em si a essência de uma conversa praticamente informal, tal qual aquelas praticadas pelas pessoas comuns em qualquer canto de qualquer localidade. Esse tipo de construção discursiva encontrava espaço exatamente na pequena imprensa, ainda mais na caricata, acostumada a apresentar peculiares textos e desenhos imaginosos, sem aquela preocupação com a verdade noticiosa, tão propalada pela imprensa chamada de séria. O personagem central mais uma vez era Pedro II, caricaturado como um soberano quase que desconectado de seu tempo, preocupado com seus sonetos e com as riquezas naturais de sua terra natal. O jornal reforçava a versão de um

---

<sup>80</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 5. N. 225. p. 7-8.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Imperador resignado com a perda do poder, o qual, uma vez deposto, ao invés de apelar para o povo ou para as armas, preferira colocar um anúncio na imprensa em busca de um emprego de presidente, apresentando como referência a experiência de Imperador. Não obtendo resposta ao anúncio e sendo condenado ao exílio, Pedro II limitara-se a partir e, como “Imperador desempregado” tencionava fazer sonetos, em uma situação que teria chegado ao ponto de gerar a piedade do seu entrevistador, que encerrava a reportagem. Mas o semanário caricato não esquecia suas tendências antimonárquicas, tanto que terminava a entrevista emitindo um recado breve, mas direto e incisivo para os soberanos europeus e, mormente o lusitano, de que, a partir dos episódios no Brasil, “algumas famílias dinásticas” deveriam estar “escaldadas com o exemplo” vindo a “por as suas barbas de molho”<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 5. N. 225. p. 7-8.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA







## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

A despedida abrupta de D. Pedro II também foi retratada pela folha caricata *A Comédia Portuguesa*, através da edição de uma caricatura denominada “A anunciação”. No desenho, a transformação política do Brasil foi observada pelo periódico por meio de uma alegoria na qual a imagem da república era designada pela representação tradicional da mulher vestida à romana e de barrete frígio, mas, no caso, tratando-se de um ser alado, o que lhe dava a conotação de divindade, ou seja, era a “deusa-liberdade”, personificando o republicanismo. A deusa indicava a D. Pedro II que ele teria de ceder o seu lugar para ela. Em um cenário pobre em detalhes, onde somente apareciam ao fundo as recorrentes palmeiras, mais uma vez no sentido da pátria que deveria ser abandonada, o Imperador, em trajes de viagem, com um guarda-chuva e uma mala de sonetos, limitava-se a expressar a frase que mais lhe foi atribuída no período e que tanto designava a sua suposta sujeição paciente às contrariedades da vida: “Já sei, já sei”.



## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Os periódicos caricatos não deixariam de também fazer comparações entre as sociedades brasileira e lusa, imaginando que possíveis consequências a transição institucional daquela poderia ocasionar a esta. Nesse sentido, o *Pontos nos ii*, dando vazão a suas convicções republicanas, apresentava uma sugestiva caricatura publicada em suas duas páginas centrais. Nela estava a figura do soberano português, D. Carlos, que aparecia alegre e fagueiro em seu trono, tendo chegado recentemente ao poder, com a morte de seu antecessor. Ao lado do rei luso, o outro personagem mostrava uma imagem oposta a toda aquela felicidade, aparecendo um tristonho e cabisbaixo Pedro II, desesperançado pela perda de sua coroa. O quadro ficava completo pela figura de uma criança, no caso o príncipe lusitano, que, apesar de estar brincando, também mostrava uma feição entristecida. Tal tristeza do menino adviria de uma possível incerteza quanto ao seu destino e suas reais chances de vir a assumir o trono luso. Essa perspectiva ficava expressa a partir da legenda, curta em palavras, mas impregnada de sentidos, pela qual, cada um dos personagens tinha uma fala. O triste Imperador exilado afirmava - "Já tive agora não tenho.". O faceiro soberano português recém-empossado dizia - "Tenho." Ao passo que, cheio de incertezas, o príncipe questionava - "Terei?". Mais uma vez, como só a caricatura poderia fazer, o jornal antecipava os fatos, imaginando como viria a ser o encontro de Pedro II com seu sobrinho, o rei português. A mensagem do periódico, expressando seus desejos quanto a um possível fim da monarquia lusitana, também ficava bem demarcada<sup>82</sup>.

---

<sup>82</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 28 nov. 1889. A. 5. N. 226. p. 4-5.



Abordagem semelhante fez o *Charivari*, na tradicional caricatura da passagem de “Ano Velho” para o “Novo”, quando publicou um desenho cheio de significado no sentido daquelas comparações entre a nação brasileira e lusa. Eram duas as figuras centrais da caricatura. De um lado o Imperador brasileiro, cabisbaixo a ler um soneto, com a coroa caída, pairava sobre uma vela com a chama apagada pelo “sopro republicano”. Do outro, o Rei português, firme e exuberante, recém-empossado no poder, pairando acima de uma brilhante fonte de luz, como sinônimo de uma Monarquia ainda reinante. A legenda era: “Eis a melhor comparação que se pode adequar” à passagem de 1889 a 1890. “Enquanto que D. Pedro foi apagado pelo sopro

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

republicano de lá, D. Carlos, o nosso, rutila no meio da sua corte, como um bico de gás há pouco aceso”<sup>83</sup>.



As comparações e prognósticos extrapolavam Portugal e estendiam-se ao continente europeu, caso de

<sup>83</sup> CHARIVARI. Porto, 4 jan. 1890. A. 4. N. 21. p. 8.

outra caricatura publicada no *Pontos nos ii*, intitulada “Maneira de tirar dentes sem dor”. Era uma verdadeira alegoria em relação às formas de governo monárquica e republicana no Brasil e na Europa, comparando a transição de um para outro regime com o ato de arrancar um dente. Em primeiro lugar, em uma espécie de nota explicativa do desenho, o jornal informava que, durante o processo, não se deveria mexer nas gengivas, que estariam a representar os interesses de cada um, pois isso doía, de modo que seria necessário tirar o dente sem tocar as gengivas. Os personagens eram Deodoro da Fonseca e Quintino Bocaiúva que, com o boticão do exército, se esforçavam para arrancar o dente de um indígena – figura simbólica que, por muito tempo, em termos caricaturais, representou o Brasil, fosse o país ou o seu povo –, o qual pedia cuidado, ao que o general respondia que respeitaria as gengivas. A conclusão da operação era sintomática da ironia da folha, ao dizer que o dente arrancado era bom e são, o pior eram as raízes<sup>84</sup>.

Na mesma caricatura, o semanário mostrava uma outra cena na qual os protagonistas eram o índio/Brasil que deixava de lado a postura passiva e articulava um diálogo com a figura de um monarca que representava a maior parte dos países europeus regidos pela forma monárquica. Ao soberano, o indígena, com ar debochado, mostrava o dente arrancado, o qual aparecia coroadado e lembrando as feições de D. Pedro II. O “Brasil” preparava-se para também mexer na “*boquinha da Europa*”, assegurando que Deodoro fizera a extração sem a mínima dor, não bulindo e respeitando as gengivas, e ressaltando que o dente tinha mais raízes

---

<sup>84</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 dez. 1889. A. 5. N. 227. p. 4-5.

## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

que os da própria Europa. A figura que representava o Velho Mundo dizia ter apenas uma gengiva inflamada, referindo-se à França republicana, a qual era o sítio em que mais sentia dor. O índio/Brasil tranquilizava a Europa, afirmando que “se *Deodoros de lá* respeitam gengivas, *adeus dentes de velha Europa*”. Era mais uma mensagem direta do periódico em relação ao anseio que o republicanismo vencedor na conjuntura brasileira, avançasse em direção ao mundo europeu, notadamente no que se refere a Portugal<sup>85</sup>.



Outra caricatura cheia de segundas intenções foi editada pelo *Pontos nos ii*. Nela não aparecia nenhuma personagem relacionado com o Brasil, entretanto ela fazia referência direta à mudança na forma de governo

<sup>85</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 dez. 1889. A. 5. N. 227. p. 4-5.

brasileira, imaginando possíveis reflexos de tal transformação no *status quo* monárquico em Portugal. Na cena, o rei português, que fora coroado pouco antes da queda de seu tio, D. Pedro II, preparava-se para a cerimônia de aclamação. Em frente ao espelho, com o auxílio de vários serviçais e de seu principal ministro, Carlos paramentava-se para a solenidade, tomando muito cuidado com o tipo de elástico utilizado para prender a coroa, de modo que ela não caísse de modo algum. Na legenda, o Rei luso explicava que o elástico utilizado para fixar o seu símbolo máximo de poder era firme, até por causa do risco que soprasse “um vento por cima do Atlântico”, capaz de atirar sua coroa de cangalhas. Diante disso, o ministro argumentava que “por causa dos elásticos” fora que Pedro II viera “da Outra Banda, corrido”. A tal argumento, a figura majestática explicava que não havia o que recear, pois os elásticos do seu tio, “ele mesmo os tecia, na sua oficina de filósofo caturra”, ao passo que ele mandava-os “comprar diretamente ao sapateiro”<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 26 dez. 1889. A. 5. N. 230. p. 8.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Ainda sobre o tema, o *Charivari* publicava uns despreziosos versinhos, cheios de gracejos, denominados “A *revolta*”. Lá estavam as palavras ritmadas típicas da poesia, que serviam como uma estratégia para atrair o leitor. Além disso, muitas expressões apareciam grafadas de forma errônea, não necessariamente como um desacerto ortográfico, e sim para denotar um determinado modo de falar ou sotaque. A mensagem, expressa através dos versos, descrevia um indivíduo que pretendia viver regalado, aproveitando as delícias venturosas da vida e gozando um sonho fundo que remetia a um mundo que era todo um mar de rosas. Entretanto, tal personagem era interrompido várias

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

vezes por sobressaltos ocorridos em seu âmbito doméstico e, mais ainda, pelas notícias de que havia revolta e grande barulheira no Brasil. Era um recado direto para as monarquias europeias e, mais ainda, para a portuguesa, que enfrentava tantos problemas internos e aterrorizara-se mais ainda com a transição brasileira:

Regalado, como um frade,  
Que de insônias não padece,  
E que ao sono bem conhece  
As delícias venturosas...  
Regalado, como um frade,  
Eu gozava um sonho fundo,  
E sonhava que este mundo  
Era todo um mar de rosas!...

Regalado, pois, sonhava,  
Regalado, pois, dormia  
E num sonho bom só via  
Coisas belas e gentis!...  
Quando a sopeira que tenho,  
C' o *Janeiro* descabrita  
E aos ouvidos meus me grita:  
- Há *rivolta nos Brasis!*...

Acordei e dei c' os olhos  
Na sopeira, que é galante,  
- *Qui maçada, tão sécante*  
*Qui você me vem pregar!*  
*Pois não vê que seu patrão*  
*Dorme um sonho sócegado,*  
*Deixe um homem descansado,*  
*Deixe um homem ressonar!*...

A sopeira não se move

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Ao discurso que lhe faço,  
E p'ra mim estende o braço,  
E o jornal quer me impingir!...  
Dou um berro! *Irra, é demais!*  
- *Você hoje está com bolha!*  
*Tire já d'aqui a folha*  
*'Stou com sono! Vou dormir!...*

Nos lençóis de linho ajeito  
Novamente o corpo meu,  
E nos braços de Morfeu  
Conto, enfim, reintegrar-me;  
Quando a moça aos empuxões,  
Outra vez a mim se atira,  
Tanto puxa, tanto vira,  
Que até chega a machucar-me!

Perco, então, as estribeiras,  
Perco o sono, perco tudo,  
E d'um salto, sempre mudo,  
Me engalfinho na sopeira!...  
Ela, porém, já me escapa,  
Já me foge, já se esquiva,  
E assim ando em roda viva  
Uma manhã toda inteira!...

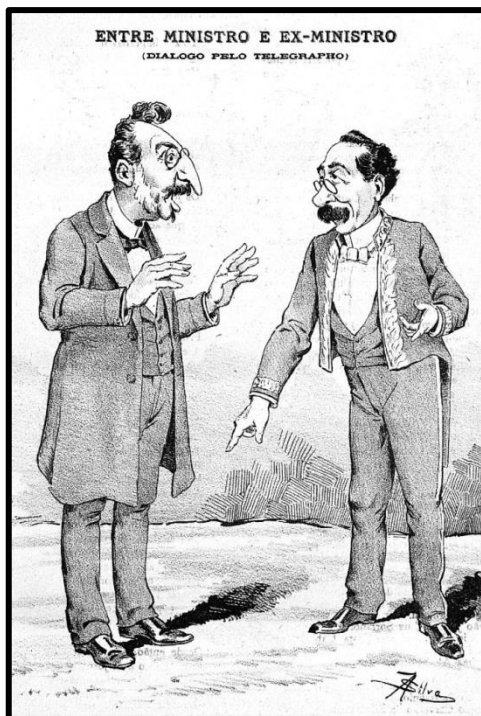
Vendo, enfim, que não consigo  
A fúria minha explodir,  
Deixo o corpo meu cair  
Nos braços duma cadeira!  
E a moçoila, então, sorrindo,  
Em sossego, assim me diz:  
- *Ó senhor, lá nos Brasis*  
*Anda grande barulheira!*

A comparação tomava outro sentido e mostrava outros personagens, mas continuava buscando inter-relacionar a sociedade portuguesa e a brasileira em outra caricatura editada pelo *Charivari*. Nela eram mostrados dois ministros, um lusitano, José Luciano, chefe de gabinete que então estava no poder, e outro brasileiro, o Visconde de Ouro Preto, que estivera à frente do último ministério imperial e que fora derrubado pela instauração da República. Ainda que representasse um encontro físico entre ambos, a folha explicava que aquele era um diálogo pelo telégrafo, no qual cada um comentava como era o povo de seu respectivo país. Na conversa imaginária, surpreendido pela revolução, o ministro brasileiro admirava-se com a força do “Zé Caipora de lá”, ao passo que o colega lusitano considerava que o “Zé Povo de cá” permaneceria dócil e dominado. A legenda, era na forma de diálogo, no qual o político brasileiro dizia – “Ah! sinhô Zé Luciano!... Zé Caipora *di* lá é mais rijo do que eu imaginava!... Ao que o representante luso respondia – Pois sr. Visconde de Ouro Preto, Zé Povo de cá, quando mais leva, mais manso fica!”. O primeiro mostrava no movimento das mãos o pasmo diante de uma suposta reação popular ao governo, o segundo, com o dedo indicador, representava a submissão do povo<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> CHARIVARI. Porto, 14 dez. 1889. A. 4. N. 18. p. 1.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Apesar do poder ter passado para as mãos dos republicanos, nas folhas humorísticas o personagem central continuou sendo D. Pedro II que foi mostrado nas mais diversas, difíceis, controversas e constrangedoras situações. As desventuras de um Imperador exilado transformaram-se assim em mote editorial dessas folhas. Tal enfoque foi apresentado pelo hebdomadário *Pontos nos ii* que mostrava uma gravura cuja essência e sentido eram calcados no devir histórico. Na primeira parte aparecia D. João escapando, em uma embarcação à vela, em direção ao Brasil, em alusão à

transmigração da família real portuguesa, no início do século XIX, em fuga das tropas napoleônicas. Nas entrelinhas, o jornal lembrava a falta de coragem do soberano que teria abandonado seu povo à própria sorte e à sanha dos invasores, levando consigo boa parte das riquezas nacionais, para viver regalado nos trópicos, longe dos riscos das guerras, das revoluções e do ideário liberal<sup>88</sup>.

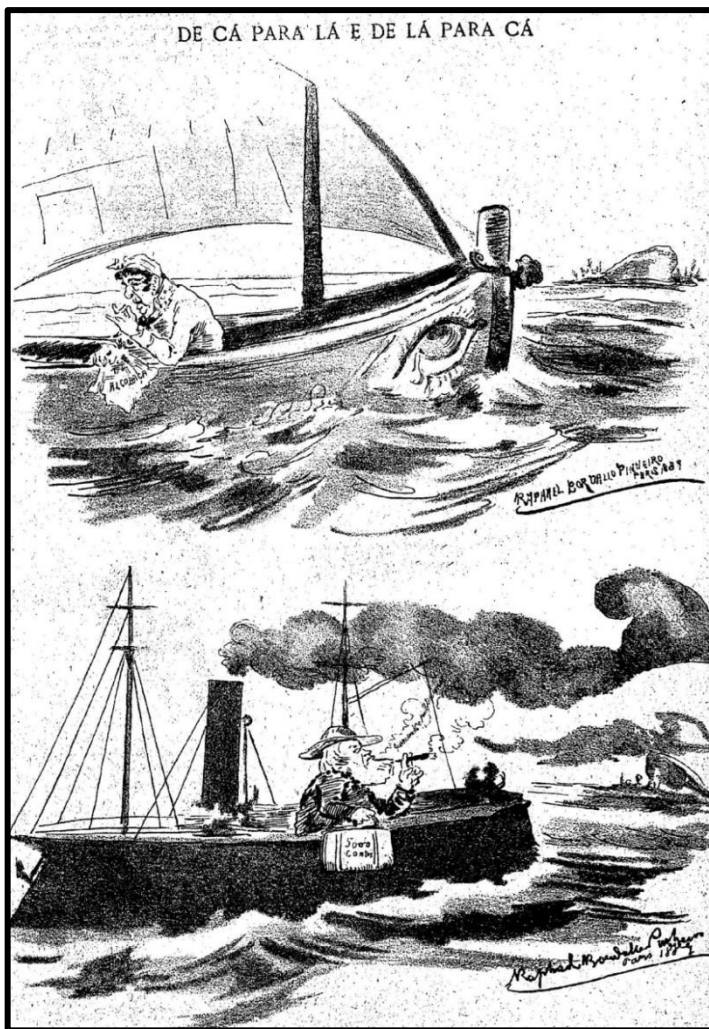
Na segunda parte da caricatura, o personagem central voltava a ser D. Pedro II que ia na direção oposta de seu ascendente, saindo do Brasil, apeado do poder e exilado, em direção à Portugal. A folha não deixava de fazer referência a um de seus pontos de discordância relacionado ao recebimento do Imperador destronado de uma dotação financeira, representada pela mala que Pedro II levava às mãos. Em essência a publicação caricata buscava mostrar as fraquezas do regime monárquico, simbolizada na figura de seus soberanos. Servia de legenda para o primeiro desenho: “Em 1807, o avô foi de *cá para lá*, sorvendo a pitada da canoa do exílio”. Enquanto que no, segundo, era dito: “Em 1889, o neto vem de *lá para cá*, a vapor, fumando o puro exílio, com *subsídio do governo*. A legenda era complementada com uma “fala” de Pedro II, reproduzindo a sua tão repetida expressão de resignação e com uma ironia do periódico, sugerindo que, apesar dos progressos da humanidade, as transformações políticas eram mais lentas: “Já sei, já sei! E digam que não há progresso, e que o vapor não é a mais bela das invenções! Ora adeus!...”<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 dez. 1889. A. 5. N. 227. p. 8.

<sup>89</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 dez. 1889. A. 5. N. 227. p. 8.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



A chegada da família imperial provocaria agitação em Lisboa, mormente no que tange à imprensa. Repórteres de vários jornais esforçavam-se e disputavam

entre si as melhores informações. Diferentemente dos demais periódicos, os caricatos, como o *Pontos nos ii* podia ir muito mais adiante, transformando fragmentos de informações, boatos, historietas e conversas de esquina em matéria jornalística, que serviria para a diversão dos leitores. Para tanto, a folha elaboraria mais um conjunto de textos e desenhos, intitulado “A família imperial – como partiu e como chegou – a nossa reportagem”, na qual descrevia a sua versão para as desventuras dos emigrados brasileiros. Uma das mais significativas narrativas expressas em tal matéria referia-se à intenção do imperador de enviar uma mensagem aos brasileiros através de um pombo-correio, demarcando a sua saudade. Na imaginação do jornal, por meio de uma visão da Imperatriz, a ave teria chegado ao Brasil e, após deliberações acabaria sendo devorada pelos novos detentores do poder, através da feitura de uma canja que lembrava o nome da nova república, em um claro gracejo de parte da publicação caricata lisboeta<sup>90</sup>.

A narrativa do hebdomadário caricato continuava, destacando que, além do episódio do pombo, não ocorrera mais nenhum incidente na viagem da família imperial, a não ser uma possível confusão quanto a um maquinista a bordo do *Alagoas* estar armado de uma espingarda, quando, na verdade, estava era limpando uma caçarola. A “*reportage*” do jornal descrevia como fora o desembarque em Lisboa e o que descera do navio, além das pessoas imperiais, ou seja, um criado do Imperador, um papagaio da princesa, uma coleção do periódico republicano *O País*, uma

---

<sup>90</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 12 dez. 1889. A. 5. N. 228. p. 3 e 6.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

escrivaninha, poesias, pensamentos, sonetos e meias. O semanário centrava-se na figura de D. Pedro II, que aparecia em várias situações, como ao confundir a identidade de um passageiro; sentado e pensativo ao lado de sua coroa que perdera a serventia, e lembrava a injúria da “poeira do exílio”, fazendo parte da cena um gato preto, para representar o seu azar; observando caixões e coroas de flores, em uma escatológica alusão à morte de seu Império; e, sem o que fazer, assistindo aulas de cálculo. À última página, o Imperador voltava a ser o protagonista nas caricaturas, aparecendo na França, onde, em conversa, reconhecia que era melhor ser um Presidente do que um Imperador demitido; além disso, pescava utilizando sua coroa como isca; e travava um diálogo sobre o infortúnio de ter filhos que o haviam abandonado, em uma referência ao povo brasileiro<sup>91</sup>.

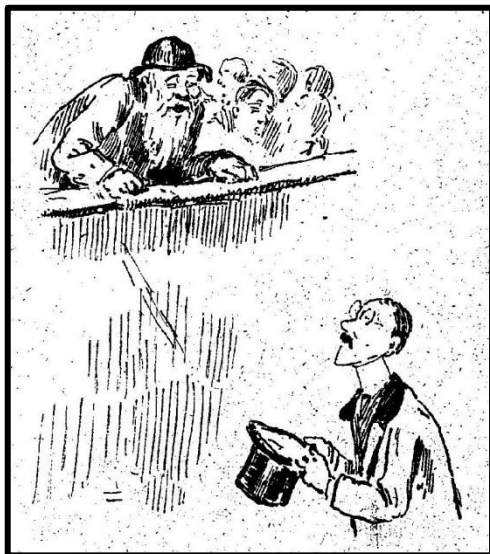


---

<sup>91</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 12 dez. 1889. A. 5. N. 228. p. 6-8.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Um criado do imperador.



73P

Um papagaio da princeza.

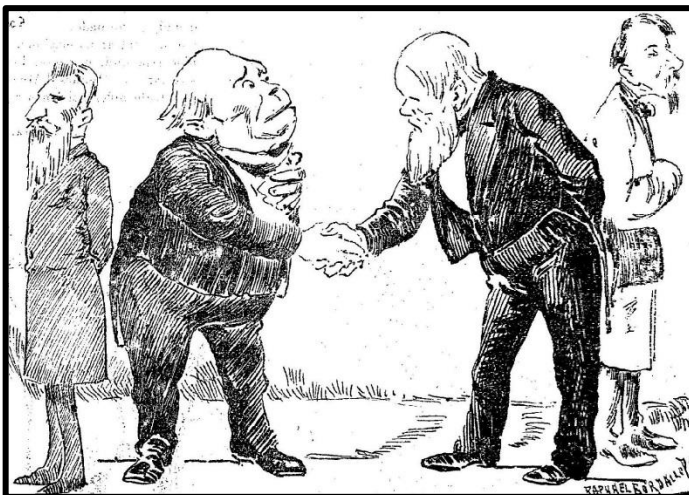
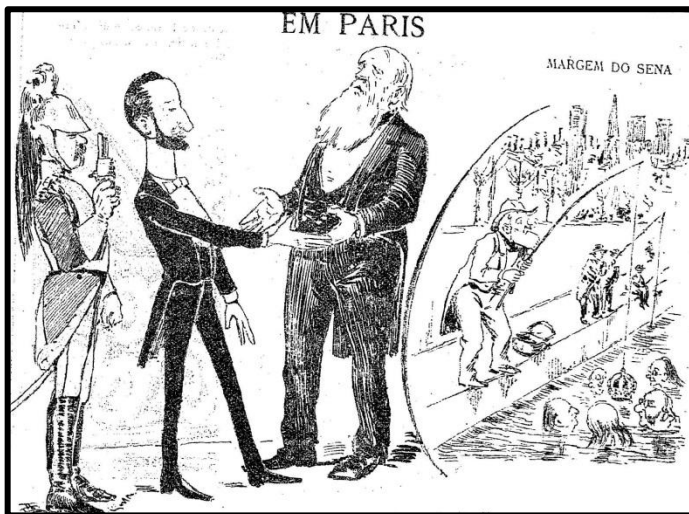


A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA





A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Pedro II também aparecia ao lado de seus familiares e, utilizando mais uma de suas estratégias discursivas, a imprensa caricata revertia a situação de tristeza da família imperial, desenhando-a em um festejo pleno em contentamento. Como só a caricatura poderia fazer, a transformação dos desterrados em folgazões festeiros mostrada pelo *Pontos nos ii* apresentava uma cena embalada pela música, na qual a princesa Isabel dançava, batendo o pandeiro da abolição e seu marido, o Conde D'Eu tocava um instrumento de sopro com a inscrição *Pirapebuy*, em alusão à sua participação na Guerra do Paraguai. Ao fundo aparecia o diplomata brasileiro sediado em Lisboa, que deixara de servir o Império para atuar pela República, o que era lembrado pelo avental que usava, fazendo referência à falta de convicções. D. Pedro II não poderia faltar no quadro e, ainda que mantendo as feições tristonhas, tocava um instrumento de foles, no qual aparecia escrita a expressão “Já sei, já sei...”, que tantas vezes foi repetida pela imprensa, como sinônimo do desânimo e resignação. Mas lá estava - mais uma vez, um recado para a monarquia portuguesa, com a presença do rei D. Carlos que também aparecia festejando. A legenda, na forma de versinhos, se referia ao soberano de forma pejorativa, como o “macaco Simão”, cuja posição também poderia estar sob risco:

De Plombino, onde no paço  
Tinha a sua habitação  
Um macaco... aí céus que passo  
Fugiu a passo de cão.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Esse bicho espantadiço  
Fama tem de ser feroz  
E o indígena por isso...  
Diz então com medo atroz:

Aí pra rua, não vou não  
Que anda solto o macacão  
Simão!  
Não, ninguém tema o macacão  
Não ninguém tema  
Não, ninguém tema o macacão  
Que hão de deitar-lhe a mão.  
Ão...<sup>92</sup>



A chegada da família imperial foi uma pauta bastante recorrente nas páginas dos humorísticos e caricatos, caso do *Pontos nos ii*, ao publicar um texto

---

<sup>92</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 12 dez. 1889. A. 5. N. 228. p. 4-5.

chamado “Cá e lá” e que era marcado pela chalaça e pelo sarcasmo, ao descrever o desembarque da corte em Lisboa. Ali seria parafraseada uma expressão utilizada em uma guerra do século XVI, lembrando que tudo se poderia perder, menos a honra, sendo a mesma proferida por Pedro II, “quando se sentiu sob a proteção da bandeira portuguesa, ao abrigo do sopro da revolução e da retórica intimativa do sr. Deodoro da Fonseca”. A partir da imaginária frase dita pelo Imperador, o semanário desenvolveria o texto, partindo da premissa de que o símbolo do Império brasileiro era o papagaio, repetindo mais uma vez um clichê que ganhava corpo para caracterizar o Brasil. Nesse sentido, D. Pedro teria gritado: “*Tudo se perdeu... menos o papagaio!*”<sup>93</sup>:

Eis o que a Europa acaba de ouvir, contado pelos jornais lisbonenses. Este grito ficará ainda mais célebre, que o *apres moi le deluge* de Luiz XV. E a julgar pelo interesse e pelo carinho com que o papagaio do imperador foi levado, entre flanelas [...] pode-se dizer, sem receio de se ser desmentido, que essa ave trepadora é no atual momento histórico, não um animal de pena verde, formas pesadas, bico grosso e recurvo, mas a imagem de um império que se desfez... [...] assim o papagaio é o hoje o símbolo dos impérios que já não são deste mundo...

E o papagaio, sob um governo monárquico, passará a ser uma ave ilícita, clandestina, revolucionária, atentatória das instituições, e defesa à janela de todo cidadão [...].

---

<sup>93</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 19 dez. 1889. A. 5. N. 229. p. 2.

## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Luiz XIV, outro indivíduo com quem a história entreteve intimidades atentatórias da moral pública, não se pejava de o citar a cada passo, principalmente quando fala do seu reino, exclamou um dia: - *L'état c'est moi!*

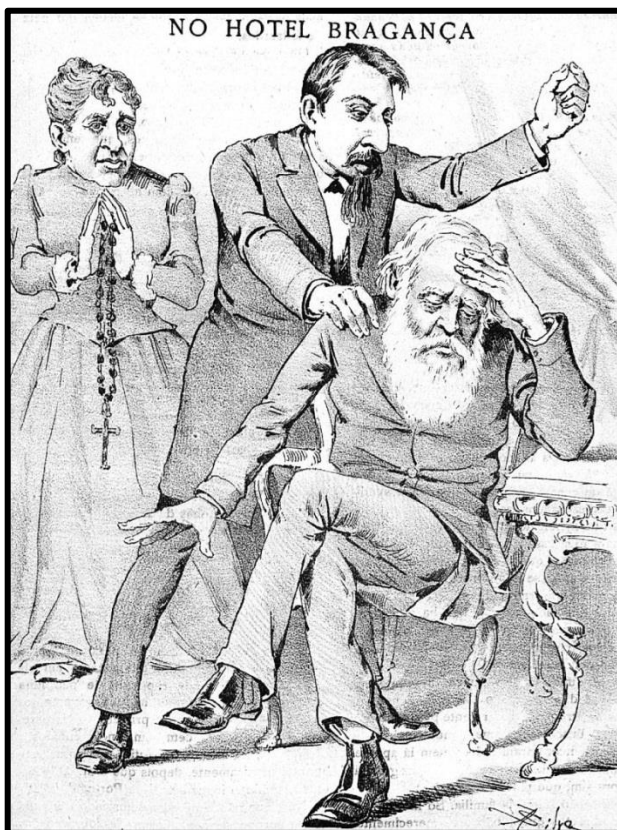
O sr. Pedro II, com a filosofia que o caracteriza, dirá de futuro aos seus fiéis, apontando para a gaiola onde a ave trepadora, e já hoje histórica, estiver falando:

- *L'empire c'était lui!*...

Nem mesmo a suposta privacidade ou a vida familiar do Imperador era poupada, de modo que, imaginariamente, as folhas humorísticas conseguiram entrar até na intimidade da família imperial. Foi o caso da caricatura intitulada “No Hotel Bragança”, publicada pelo *Charivari*. No desenho estavam em cena, como hóspedes do hotel lisbonense D. Pedro II e dois de seus familiares, travando uma conversa. Cada um dos personagens era apresentando pela respectiva visão que se construía a respeito deles. A princesa Isabel era representada pela carolice, pela qual foi atacada por muito tempo pelos republicanos brasileiros, rezando fervorosamente de terço à mão. Já o Conde D’Eu, normalmente qualificado a partir de um suposto caráter sovina, confirmava tal perspectiva, pois, enquanto o Imperador, seu sogro, lamentava ter perdido o convívio com as belezas de sua terra, o nobre francês lembrava que o mais importante era que eles tivessem levado muito dinheiro. A legenda era na forma de diálogo. O Imperador, tristonho, afirmava: “Que pena que tenho de minha pátria! Não mais tornarei a ouvir o canto do sabiá empoleirado num bambu, nem jamais saborearei a sombra das palmeiras onde saltam os macaquinhos!...”.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Ao que o Conde D'Eu, respondia com sotaque acentuado: "*Se deixi di penas sinhô papá. Si lá ficaram os sabiás, e os mácáquinhos, nós cá levamos muito dinheiro que é o que se quer!*"<sup>94</sup>.



<sup>94</sup> CHARIVARI. Porto, 7 dez. 1889. A. 4. N. 17. p. 6 e 8.

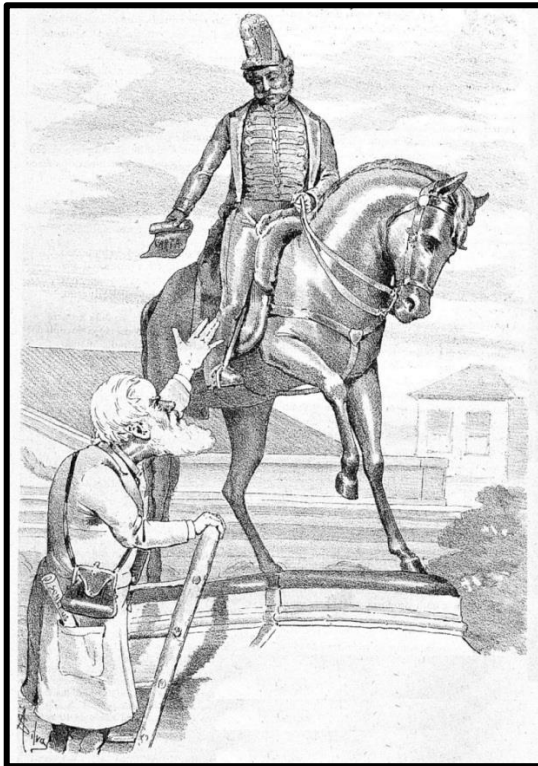
Mantendo a linha de dar asas à imaginação, nos jornais caricatos D. Pedro II ainda viria a protagonizar outras desventuras. Em outra caricatura publicada pelo *Charivari*, uma estátua, feita para permanecer imutável, no sentido de perpetuar a memória em pedra e bronze, ganhava vida e voz, como só na imaginosa arte caricata poderia acontecer naquele momento. No caso era representado o encontro do Imperador exilado com seu pai, Pedro I, no Brasil, e IV, em Portugal, este na forma do monumento na cidade do Porto. O filho lamentava que perdera o Império, ao passo que o pai respondia que seu descendente não deveria preocupar-se tanto, pois, ainda que estivesse naquele monumento em bronze, até mesmo o seu porvir poderia ser incerto, ainda mais se viesse a ocorrer uma revisão histórica que reavaliasse a sua atuação e, quem sabe, o substituísse por outra estátua, além de ter de enfrentar as intempéries e a monotonia em praça pública<sup>95</sup>.

A caricatura publicada pelo *Charivari* tinha por título “D. Pedro de Alcântara no Porto – diálogo entre pai e filho”. Na legenda, o Imperador destronado falava ao pai com tristeza que estava ali, “sinhô pápá! sem coroa, sem reino e sem patacas”. Ao que o primeiro Imperador do Brasil e depois Rei de Portugal, pedia paciência ao filho e falava que a sua situação também não era tão confortável, dizendo estar ali “no bronze imperecível da glória”, mas também tinha “receio pelo seu futuro”, já que “se um dia a História” se lembrasse “de esquadrinhar os feitos” de seu passado, poderia correr-lhe, “substituindo o monumento por outro” que representasse “os defensores da pátria”, aqueles “pobres

---

<sup>95</sup> CHARIVARI. Porto, 28 dez. 1889. A. 4. N. 208. p. 5.

veteranos” que mendigavam e morriam de fome. Somava-se às lamúrias do progenitor eternizado como estátua o questionamento sobre do que valeria “ser Imperador”, se não tinha “um mísero capote” para resguardar-se do frio e, ainda por cima “sempre de carta na mão e o cavalo de pata no ar”, considerando tudo aquilo como um verdadeiro aborrecimento<sup>96</sup>.



---

<sup>96</sup> CHARIVARI. Porto, 28 dez. 1889. A. 4. N. 208. p. 5.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

A possibilidade de pagamento de parte do Governo Provisório de uma subvenção pública para D. Pedro II foi um tema bastante debatido junto às folhas portuguesas voltadas ao humor. Uma dessas inserções foi editada no *Pontos nos ii* que, misturando textos e imagens, sob o título “Rei morto... viva a República”, tecia críticas àquela possibilidade muito comentada pelos jornais portugueses de D. Pedro II – que aparecia alquebrado, de bengala e mão ao bolso – vir a receber uma dotação governamental. Para o semanário, tal remuneração era inaceitável e, se ocorresse, o Brasil estaria criando uma categoria *sui generis*, “a dos monarcas aposentados”. Não perdendo a oportunidade de também criticar a monarquia portuguesa, o periódico fazia analogias em relação à família real lusa, enquadrando seus membros em cargos públicos, explicitando quanto cada um deveria ganhar. No caso de que tal dotação viesse a vingar, a publicação caricata concluía que, politicamente, se o Brasil lucrara com a mudança de regime, economicamente, ficaria “espetado”<sup>97</sup>.

---

<sup>97</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 28 nov. 1889. A. 5. N. 226. p. 6-7.

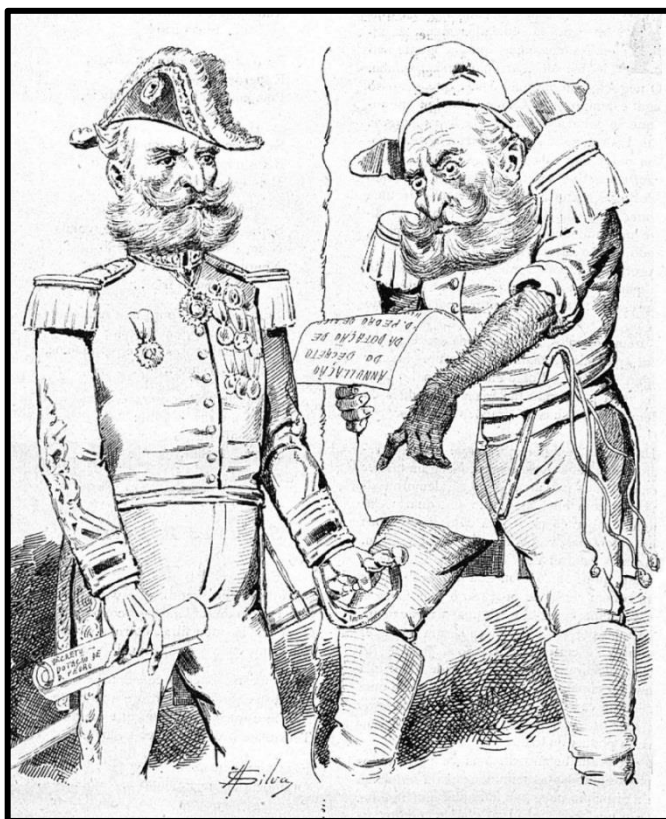


No debate sobre a subvenção imperial, o *Charivari* também se manifestou com a publicação de uma caricatura, na qual o protagonista era o Presidente do Governo Provisório brasileiro, Deodoro da Fonseca, em uma referência ao pagamento ou não da dotação que deveria subsidiar o Imperador. Tendo em vista as incertezas quanto à efetivação ou não de tal rendimento vitalício, o jornal mostrava os dois casos, com a imagem de um Deodoro magnânimo, em se confirmando o pagamento, ou outra, completamente oposta, no caso da proposta não vingar. O título do desenho era “A República do Brasil e a dotação de D. Pedro de Alcântara” e a legenda também acompanhava cada uma das imagens projetadas para o governante. Na primeira quando se mantinha a verba, o bem alinhado general era aplaudido pelo “nobre e enlulado procedimento”, ao passo que, na segunda, um desgrenhado Deodoro, com



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

um arremedo de barrete frígio e com um látego à cintura, como símbolo de autoritarismo, seria alvo de decepção, com a anulação do compromisso, de modo que “os republicanos do Brasil ficaram sendo o contrário de nobres e o contrário de enluvados” e o Presidente constituiria uma “triste figura”<sup>98</sup>.



<sup>98</sup> CHARIVARI. Porto, 28 dez. 1889. A. 4. N. 208. p. 4.

Ainda se manifestou uma outra temática significativamente presente nas páginas dos caricatos, relacionada com as questões dos limites da fidelidade à Monarquia e ao monarca, fosse no Brasil, fosse em relação aos súditos brasileiros residentes em Portugal. Em linhas gerais, os periódicos mostravam uma perspectiva oportunista, com o abandono da forma de governo decaída, para uma adesão instantânea e pragmática à que se instaurara em novembro de 1889. O *Pontos nos ii* apresentou um conjunto de texto/desenhos, cujo alvo de sua visão humorada foi a colônia brasileira em Portugal que estaria a navegar de acordo com a maré, curvando-se diante de D. Pedro II, à época da Monarquia e prostrando-se perante Deodoro, a partir da República. Tais falsidades, infidelidades e falta de princípios eram demonstradas pela construção discursiva e pictórica do semanário, recriando uma solenidade onde os membros de tal colônia não se continham diante do entusiasmo para com a nova realidade e o constrangimento por, até o dia anterior, estarem servindo à causa monárquica, tendo por conclusão mais uma vez a figura tristonha de Pedro II, com o chapéu do exílio e de mãos dadas com um símio, alegando que, quanto mais conhecia seus súditos, mais apreciava os macacos<sup>99</sup>:

Ao mesmo tempo que isto se passa - detalhe singular! - a colônia brasileira de Lisboa e Porto, sobejamente conhecida pelas suas ideias conservadoras, está dando o mais extraordinário exemplo de solidariedade no infortúnio, como se verá pela alegoria

---

<sup>99</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 28 nov. 1889. A. 5. N. 226. p. 7-8.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

junta. Ontem [todos se curvam a D. Pedro II]. Hoje [todos se curvam mais ainda, quase beijando os pés de Deodoro].

Os revezes de S.M. o imperador, pelo qual as duas colônias nutriam o mais entranhado afeto, inspiram esta cena em Lisboa: [...]

- O sr. Paulo Porto Alegre, cônsul do Brasil (*a voz embargada pelos soluços*) - Vi... va a... Re... pú... bli... ca!

- A Colônia (*visivelmente comovida*) - Viva!...

- O sr. João Vieira da Silva (*movimento e sensação*) - Pe... ço um... brin... de... (*schius... schius*) Àquele que vem no *Alagoas*...

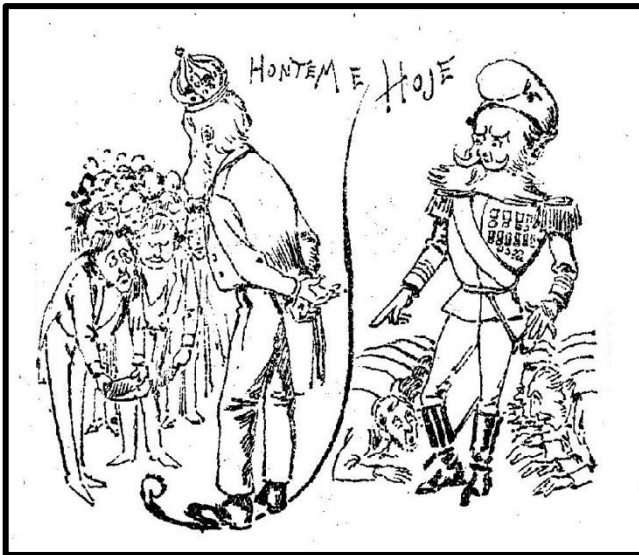
- Vozes (*veementes*) - Não apoiado!

- O sr. Porto Alegre (*conciliador*) - Peço que não se traga para o tapete da discussão a pessoa do ex-monarca que já não é.

- Vozes (*excitação*) - Apoiado!... Tira ele do tapete...

- Todos (*a comoção no seu auge*) - Viva a república!... [...]

*Moralidade do imperador* - Quanto mais conheço eles, mais gosto de macaco!



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



A *Comédia Portuguesa* era outra que ressaltava as festividades dos antigos seguidores da Monarquia que mudaram de postura imediatamente após o 15 de Novembro, apresentando uma visão chistosa para tanto, chamando atenção para o fato de que “a colônia brasileira” tinha festejado em Portugal, “com uns copos de champanhe bebidos com guarnecimento de discursos, a deposição do Imperador Pedro II”. Segundo o periódico, eram “pouco patrióticos os senhores brasileiros”, pois “para festejar um cachaço desta ordem”, eles teriam de usar “o licor nacional por excelência”, ou seja, a cachaça, diante do que conclamava os membros da colônia: “À cachaça, senhores, à cachaça!”<sup>100</sup>.

Ainda a respeito da falta de fidelidade e de constância política, uma caricatura do *Charivari* mostrava Pedro II sendo recebido por um representante consular que havia servido ao Império e que já se colocara à disposição da nova forma de governo, usando, inclusive, um barrete frígio para isso representar. Diante do interlocutor, o Imperador limitava-se a emitir a tradicional expressão a ele atribuída, como sinônimo de conformismo – “Já sei, já sei!”, não deixando de ser ressaltadas ironicamente as qualidades daquele diplomata, as quais não seriam nada harmônicas com o patriotismo ou a convicção. A caricatura se denominava “À chegada do Imperador” e a legenda reproduzia a conversa entre os dois personagens. O embaixador saudava o monarca decaído: “Olá seu Pedro de Alcântara!... Passou bem?”. E o Imperador respondia:

---

<sup>100</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 21 nov. 1889. A. 2. N. 5. p. 6.

A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

“Menos mal, menos mal. Me diga: O sr. não é o Paulo Porto Alegre, antigo cônsul do meu Império?”. Diante do que o primeiro afirmava: “Eu mesmo, e continuo a sê-lo, mas da República do Brasil. Antes de tudo sou um patriota!”. E a última palavra era dada por Pedro II: “Já sei, já sei! Um patriota e um homem de convicções”<sup>101</sup>.



---

<sup>101</sup> CHARIVARI. Porto, 7 de dezembro de 1889. Ano 4. N. 17.  
p. 6.

Nem mesmo as novas autoridades governamentais brasileiras escapavam da visão jocosa dessas publicações lusitanas. Foi o caso do *Pontos nos ii* que, apesar de promover ideias antimonárquicas, não resistiu a fazer troça inclusive com os detentores do poder no Brasil. O semanário, ironicamente, comentava que no país tropical tudo estava sendo provisório. Nesse sentido, passava a arrolar vários elementos vinculados à vida brasileira, carimbando em cada um a categoria de “provisório”, aparecendo, entre eles, o governo, o general Deodoro, as autoridades e as deliberações. Para o semanário, essa transitoriedade estaria presente até mesmo na flora e fauna nacional, apresentando figuras de bananas, cajus, papagaios e macacos, todos associados ao símbolo republicano do barrete frígio. Ao tratar desse tema, a folha trazia à tona certos clichês preconceituosos a respeito do Brasil que faziam parte do cotidiano lusitano. De acordo com o periódico, tal caráter de interinidade dava origem a erros gravíssimos de interpretação em Portugal, de modo que ninguém fazia ideia do que seria o Governo Provisório, de modo que a maior parte imaginava-o um único indivíduo, representado pela figura de um conhecido cidadão que compunha a colônia brasileira em Lisboa, ocupando as pastas da Marinha, da Guerra e da Fazenda; muitos poderiam supor que fosse um espantalho com roupa de militar; ou outros, um negro de barrete frígio à cabeça, armado de navalha, em uma alusão a mais um estereótipo acerca do Brasil<sup>102</sup>.

---

<sup>102</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, 28 nov. 1889. A. 5. p. 7-8.



A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA  
CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA



Também quanto a gracejos com os novos governantes republicanos, *A Comédia Portuguesa* fazia algumas referências no que se refere à nova bandeira do Brasil sob a nova forma de governo, incorrendo mais uma vez à exposição de alguns clichês associados à visão humorada da questão. Novamente utilizando-se da estratégia de misturar graça com uma suposta seriedade, em escrachada alusão às formas de abordagem dos jornais diários, o hebdomadário caricato citava um incidente durante a chegada da família imperial à cidade de Lisboa e, a partir daí, começava a debater a questão do significado das bandeiras nacionais, tanto a brasileira quanto a portuguesa. Tais símbolos eram usados pela folha para designar as formas de governo, notadamente a que mudara no Brasil e aquela que ainda permanecia em Portugal. Chegando a dar sugestões cômicas de como deveria ser o novo estandarte brasileiro, o periódico dizia, ironicamente, estar contribuindo com a reestruturação da jovem república<sup>103</sup>:

O comandante do *Alagoas*, navio que trouxe para a Europa o imperador do Brasil, arvorou uma bandeira que entendeu ser a da nova república. A capitania do porto de Lisboa mandou-lhe arriá-la, em virtude de ter de ser considerado como navio pirata, porque assim é considerado todo aquele que arvorar bandeira desconhecida.

E vai o comandante... arriu-a!

Fica a gente a pensar porque demônio este comandante a tinha içado?

---

<sup>103</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 19 dez. 1889. A. 2. N. 9. p. 3.

## A GÊNESE DA REPÚBLICA NO BRASIL A PARTIR DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E PORTUGUESA

Para receber uma lição de direito internacional? Para deslumbrar a gente com uma bandeira novinha, toda catita e meter-nos ferro com ela? Isto de mudar de bandeira, absolutamente, é impossível. Imagine-se se não seria cuspir na história inteira de Portugal o riscar amanhã da bandeira portuguesa – dada a hipótese da formação da república – as velhas quinas, que encheram de medo e de espanto o mundo inteiro!

Uma nação para glorificar o futuro não necessita renegar o passado.

Não o deve fazer nunca, quando esse passado é honrado como o do Brasil ou epicamente glorioso como o nosso.

Na coroa portuguesa eu substituiria a coroa que encima o escudo por um barrete frígio, uma constelação de estrelas de número igual ao das províncias, uma mesa – simbolizando a do orçamento – partida, esmagando um bacharel; duas peras, uma talha de louça das Caldas azul e branca, enfim, qualquer coisa que lembrasse uma característica do nosso país. Faça o novo Brasil o mesmo. Conserve a esfera, as cores e símbolos da velha bandeira; tire-lhe a coroa e substitua-a por uma banana, um preto a dançar a cachucha, um papagaio de cujo bico curvo saia esta inscrição: - Que passa? É o senhor Quintino que vai para a caça – enfim, qualquer coisa que recorde o Brasil; mas não vá, acintosamente, condenar no radicalismo das medidas, a existência da bandeira gloriosa, sob cuja égide, diminuíram durante séculos as tangas e cresceram as rabonas de casimira. Eu tenho que uma bandeira é como a fisionomia moral de uma nação. As três cores da bandeira francesa são hoje uma ideia, um princípio, uma afirmação filosófica. A bandeira inglesa, com os seus leopardos, não significará a manha sanguinária, a traição?

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Deixem, pois, a esfera armilar e as cores verde e amarela. Exprimirão muito bem a ideia: - o Brasil é uma terra aberta a todos: o verde representará as florestas colossais e o amarelo a cor das libras, que por lá abundam de mistura com as febres da mesma cor.

Uma bandeira com cor local. Nem de propósito. Aí fica o conselho, saído de uma filosofia profunda. Dou-o de graça a infantil república, não se vá dizer de futuro que eu não concorri para a consolidar. Cada qual nas suas posses.

Assim, gracejos, pilhérias, deboches e cáusticas interpretações foram apenas alguns dos recursos discursivos pelos quais repercutiria a república brasileira junto à imprensa caricata lusa. Era uma perspectiva alternativa em relação ao conjunto da maioria dos jornais portugueses, tralhando com a graça, mas deixando implícito/explicito ou nas linhas/entrelinhas, determinadas reflexões críticas para serem interpretadas pelo público. Lá estavam as caricaturas cheias de significados e simbolismos e com o seu inexorável apelo visual, os diálogos diretos, como se fossem conversas, o ritmo dos versos e a linguagem mais popular a aproximar o estilo desses periódicos com o dia a dia das pessoas, tal qual elas faziam nas conversas cotidianas pelas ruas, a traduzir um olhar diferenciado sobre a transição institucional brasileira.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**ABERTA**  
www.uab.pt

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025



BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE



9 786589 557814

ISBN: 978-65-89557-81-4